



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CE
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA ÁREA DE APROFUNDAMENTO EM
EDUCAÇÃO DO CAMPO

NADIRJANE MEDEIROS CARNEIRO NASCIMENTO

CONTEXTOS CAMPEPINOS NA ZONA URBANA: um diálogo entre
campo e cidade.

JOÃO PESSOA – PB

2014

NADIRJANE MEDEIROS CARNEIRO NASCIMENTO

CONTEXTOS CAMPESinOS NA ZONA URBANA: um diálogo entre
campo e cidade.

MONOGRAFIA apresentada ao Curso de Licenciatura em Pedagogia com área de aprofundamento em Educação do Campo, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial a obtenção do título de Pedagoga, sob a orientação da Profa. Dra. Ana Paula Romão de Souza Ferreira.

JOÃO PESSOA – PB

2014

NADIRJANE MEDEIROS CARNEIRO NASCIMENTO

CONTEXTOS CAMPESES NA ZONA URBANA: um diálogo entre
campo e cidade.

BANCA EXAMINADORA

APROVADA EM: 08/ 08/ 2014

Profa. Dra. Ana Paula Romão de Souza Ferreira
Orientadora – UFPB

Prof. Dr. Fábio do Nascimento Fonsêca
Avaliador - UFPB

Prof. Dr. Severino Bezerra da Silva
Avaliador - UFPB

JOÃO PESSOA – PB

2014

DEDICO a meu Deus, que sempre me deu forças e sabedoria, pra seguir em frente. À minha família e em especial aos meus filhos Nathan Douglas M. C. Nascimento e Ramon Douglas M. C. Nascimento, que sempre me apoiaram e se orgulharam do meu crescimento ao longo da vida acadêmica e profissional. Pelo fato de os mesmos ficarem privados, muitas vezes, da minha presença como mãe e assumirem grandes responsabilidades desde cedo, um para com o outro, dando-me assim a tranquilidade necessária para concluir mais esse passo dentro da minha carreira profissional e pessoal.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus, por ter me dado coragem e perseverança em buscar a realização dos meus sonhos independentemente de condições financeiras, emocionais ou até mesmo físicas. Por, em meio a tantas possibilidades de retroceder, ter me tornado apta a progredir. Por deixar-me surda, diante de opiniões negativas e aberto meus ouvidos e minha mente para a entrada do conhecimento e de pensamentos positivos e otimistas.

Agradeço a todos meus familiares e amigos que acreditaram em meu potencial e me estimularam a ir mais além. Por terem tido tolerância durante minha ausência devido aos estudos, principalmente meus filhos, por terem sido mais que filhos e mais do que amigos, pois cresceram junto comigo e amadureceram precocemente, com tantas responsabilidades e afazeres ao longo desse processo acadêmico.

Agradeço também aos queridos professores, que fizeram um papel bem maior do que mediadores do conhecimento dentro da UFPB e tornaram-se amigos, que me guiaram nessa caminhada acadêmica, com os quais pude ampliar minha visão pedagógica de maneira a auxiliar no meu crescimento intelectual e humano, repassando a forma correta de certas abordagens no âmbito educacional, as quais, pude transferir para minha realidade como educadora.

À minha professora e orientadora Dr.^a Ana Paula Romão de Souza Ferreira, pela forma como conduziu meus projetos e orientação monográfica. Por pacientemente, esclarecer minhas dúvidas e corrigir com delicadeza meus erros, tendo sido uma excelente orientadora, professora e amiga, que nunca deixou de responder minhas dúvidas. Por ser um espelho, não apenas para mim, mas para todos aqueles que convivem com essa grande educadora e por ter me ensinado em nossas pesquisas acadêmicas a respeitar e compreender o próximo, sem preconceitos e sem discriminação, buscando sempre entender a individualidade de cada um, independente das diferenças físicas, psicológicas e regionais, dentre tantas outras que nos firmam e nos unem como seres humanos que somos.

“Se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenha para não apenas falar de minha utopia, mas participar de práticas com ela coerentes.”
(Paulo Freire)

RESUMO

Este trabalho monográfico intitulado de CONTEXTOS CAMPEVINOS NA ZONA URBANA: um diálogo entre campo e cidade, vem nos mostrar possíveis proximidades e distanciamentos entre campo e cidade no cotidiano escolar e suas implicações pedagógicas na Escola Estadual de Ensino Fundamental Irmã Severina Cavalcante Souto – situada na cidade de João Pessoa – Paraíba, onde atuei como educadora e pude desenvolver junto aos meus alunos do 5º ano do Ensino Fundamental I, durante todo o ano de 2013. No referido projeto escolar intitulado de “Campo raiz da cidade”, onde trabalhamos atividades voltadas à realidade campesina do nosso estado, contribuindo assim, para um melhor conhecimento entre os alunos por mim assistidos, sobre a diversidade da vida no campo. A metodologia do trabalho foi do tipo quantitativa/qualitativa, na qual abordamos também, através de questionário apresentado aos professores, quais as dificuldades encontradas entre os professores pesquisados da mesma escola, em abordar o contexto campesino de modo que fique esclarecida para os alunos toda a complexidade e riqueza existente dentro do Campo e de como os alunos veem esse conhecimento do campesinato no cotidiano escolar urbano.

Palavras-chave: Contextos campesinos, Zona urbana, Escola pública.

ABSTRACT

This monograph titled peasants CONTEXTS IN URBAN AREA: a dialogue between country and city, come show us possible nearby and differences between country and city in the daily school and its pedagogical implications in State Elementary School Sister Severina Cavalcante Souto - located in the city João Pessoa - Paraíba, where I worked as a teacher and I developed together with my 5th graders of elementary school throughout the year 2013. Said school project entitled "Field root of town" where work activities aimed at peasant reality of our state, thus contributing to a better understanding among the students assisted by me, about the diversity of life in the field. The methodology of the work was the quantitative / qualitative type approach in which also, through a questionnaire submitted to the teachers, which are the difficulties between the surveyed teachers from the same school, in addressing the peasant context so that it is clear for all students complexity and existing wealth within the field and how the students see that knowledge of the peasantry in urban school routine.

Keywords: Contexts peasants, Urban Zone, Public School.

LISTA DE FIGURAS

Imagem 1 – Aula teórica. Pinturas Rupestres.....	27
Imagem 2 - Aluno desenhando em pedra.....	27
Imagem 3 - Aluno pintando em pedra/rupestre.....	28
Imagem 4 – Culminância/Exposição das pinturas feitas pelos próprios alunos.....	28
Imagem 5 - Visualização do filme Uma questão de terra.....	29
Imagem 6 - confeccionando margaridas.....	29
Imagem 7 - Exposição das margaridas na culminância.....	29
Imagem 8 - visita à casa de Margarida.....	29
Imagem 9 - Explicação sobre literatura de cordel.....	30
Imagem 10 - Slides com literatura de cordel.....	30
Imagem 11 - Construindo o próprio cordel.....	30
Imagem 12 - Recitando o próprio cordel.....	30
Imagem 13 - Exposição de cordéis e painel.....	31
Imagem 14 - Apresentação de cordéis em culminância.....	31
Imagem 15 - Documentário Brasil Sertanejo.....	31
Imagem 16 - Alunos assistindo ao documentário.....	31
Imagem 17 – Aluno fazendo resumo do documentário.....	33
Imagem 18 – Alunas expondo os resumos escritos e digitados do documentário.....	33
Imagem 19 - Alunas digitando em aula de informática.....	33
Imagem 20 - digitando resumo do Documentário/Brasil Sertanejo.....	33
Imagem 21 - Projeto Mandala. Estado da Paraíba.....	34
Imagem 22 - Selecionando sementes para mandala.....	35
Imagem 23 - Colando sementes na mandala.....	35
Imagem 24 - Explicação sobre plantio em mandala.....	35
Imagem 25 - Exposição das mandalas.....	35
Imagem 26 - Aluna fazendo estudo em livro didático.....	36
Imagem 27 - Interpretação da música “Disparada”.....	38
Imagem 28 - Cartaz ilustrativo “Disparada”.....	38
Imagem 29 - Copiando canção do livro.....	38
Imagem 30 - Canção Disparada no Livro didático.....	38
Imagem 31 - Cartaz ilustrativo da música “Orgulho de ser sertanejo”.....	39

Imagem 32 - Cartaz ilustrativo da música “Obrigado ao homem do campo”	40
Imagem 33 – Cantando com estudantes/ Cantiga de sapo.....	41
Imagem 34 - Cartaz ilustrativo com sapos.....	41
Imagem 35 - Alunas estudando “Cantiga de sapo/livro.....	41
Imagem 36 - Livro didático/Cantiga de sapo.....	41
Imagem 37 - Construindo sapos de origami.....	42
Imagem 38 - Exposição dos sapos de origami na culminância.....	42
Imagem 39 - Exposição de maquetes construídas pelos estudantes.....	44
Imagem 40 - Exposição de maquetes construídas pelos estudantes.....	44
Imagem 41 - Exposição de maquetes construídas pelos estudantes/culminância.....	45
Imagem 42 - Documentário Migrantes.....	47

LISTA DE SIGLAS

ALFA – Alfabetização

ANPAE – Associação Nacional de Política e Administração da Educação

CA_ MAN – Custo-Aluno_ Manutenção do Ensino

CA_ECO – Custo-Aluno – Econômico

CFR – Escola da Casa Família Rural

CGEE – Coordenação Geral de Estatísticas Especiais

CRE – Creche

DTDIE – Diretoria de Tratamento e Disseminação de Informações
Eduacionais

EB - Educação Básica

EDURURAL – Educação Rural

EE - Educação Especial

EF - Ensino Fundamental

EFA - Escola Família Agrícola

EI – Educação Infantil

EJA - Educação de Jovens e Adultos

EM - Ensino Médio

FIPE – Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas

FNDE - Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

FPE – Fundo de Participação do Estado

FPM – Fundo de Participação dos Municípios

FUNDEB - Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de
Valorização dos Profissionais da Educação

FUNDEF - Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e
Valorização do Magistério

GHM – Grupo homogêneo

GHT – Grupo heterogêneo

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICMS – Imposto sobre circulação de mercadorias e prestação de serviços

IEE - Índice de Escolha de Escola

ITR - Imposto Territorial Rural

LC – Lei Complementar

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

MAN – Manutenção do Ensino

MEC - Ministério da Educação

MOC - Movimento de Organização Comunitária

MST – Movimento Trabalhadores Sem Terra

NOR - Ensino Normal de nível Médio

ORG - Organização não governamental

PDDE – Programa de Dinheiro Direto na Escola

PEC – Proposta Emenda Constitucional

PIBIC – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

PNE - Plano Nacional de Educação

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

PRE – Pré -Escola

PRO – Ensino Profissional Técnico de Nível Médio

SEB – Secretaria de Educação Básica

SBEC – Sociedade Brasileira de Educação Comparada

SELIC – Sistema Especial de Liquidação e Custódia

SERTA – Serviço de Tecnologia Alternativa

SPSS – Pacote Estatístico para as Ciências Sociais

TEC – Ensino Técnico de Nível Médio

UE - Unidade escolar

UF – Unidade da Federação

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
1.2 METODOLOGIA E MÉTODO DA PESQUISA.....	14
2 A RELAÇÃO CAMPO X CIDADE: HISTORICIDADE E CONTEXTO ATUAL	16
2.1 EDUCAÇÃO RURAL X EDUCAÇÃO DO CAMPO.....	19
2.2 POLÍTICAS EDUCACIONAIS PARA O CAMPO E A CIDADE: UMA COMPARAÇÃO NECESSÁRIA.....	21
2.3 O CURRÍCULO ESCOLAR: UMA NECESSÁRIA REVISÃO PARA UMA MELHOR CONTEXTUALIZAÇÃO DO CAMPO E DA CIDADE.....	23
3 CONTEÚDOS TRABALHADOS.....	25
4 DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES APLICADAS.....	27
4.1 PEDRAS DE INGÁ / PINTURAS RUPESTRES.....	27
4.2 MARGARIDA MARIA ALVES.....	28
4.3 LITERATURA DE CORDEL.....	30
4.4 DOCUMENTÁRIO “BRASIL SERTANEJO” (DARCY RIBEIRO).....	31
4.5 DIGITAÇÃO DOS PRÓPRIOS RESUMOS.....	32
4.6 MANDALA...UM JEITO INOVADOR DE PLANTIO NO CAMPO.....	34
4.7 DISPARADA (GERALDO VANDRÉ)	38
4.8 ORGULHO DE SER NORDESTINO (FLÁVIO LEANDRO/ CANTA FLÁVIO JOSÉ).....	39
4.9 OBRIGADO AO HOMEM DO CAMPO (DOM E RAVEL).....	40
4.10 CANTIGA DE SAPO (JACKSON DO PANDEIRO).....	40
4.11 MAQUETES SOBRE O CAMPO: CONSTRUINDO SABERES.....	42
4.12 DOCUMENTÁRIO MIGRANTES	46
5 QUESTIONÁRIOS APLICADOS COM ESTUDANTES E PROFESSORES....	50
6 TABELA DE TABULAÇÃO DE DADOS/PROFESSOR.....	51
7 APLICAÇÃO DE QUESTIONÁRIO COM OS ESTUDANTES.....	54
8 TABELA DE TABULAÇÃO DE DADOS/ESTUDANTES.....	55
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
REFERÊNCIAS.....	58
APÊNDICES	
APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO/ESTUDANTES	
APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO/PROFESSORES	
ANEXO – CERTIFICADO DO PRÊMIO “MESTRES DA EDUCAÇÃO 2013”	

1 INTRODUÇÃO

No Brasil ainda existe grande extensão Rural, com imensos lotes de terras produtivas e improdutivas, portanto, necessita de importantes áreas de exploração para estudos. Trata-se de uma enorme diversidade cultural, onde encontramos a necessidade de analisarmos qual é a importância dada pelos educadores para elevar o conhecimento sobre contextos campestres entre os alunos da Zona Urbana, levando-os a refletirem mais profundamente sobre toda essa imensidão de saberes, de riquezas e de conflitos por posse de terras existentes no campo. Podendo assim, desmitificar a imagem dada pela mídia ao personagem que representa o sujeito do campo e o nordestino, como sendo alguém sem instrução, sem noção de espaço ou tempo, intitulado erroneamente como um “jeca” ou como chamam de maneira discriminatória, apenas mais um “Paraíba”.

O fato de ter sido professora do 5º ano do ensino fundamental, na E. E. E. F. Irmã Severina Cavalcante Souto, no ano de 2013, também me influenciou na escolha tanto do tema, quanto do local da pesquisa, na qual também fomentei a discussão entre os educadores a respeito das suas metodologias de ensino e aprofundamentos sobre o campo, além do fato de estudos aprofundados sobre o campo dentro da pedagogia.

Compreender também, as dificuldades e limitações dos professores em abordar esse tema com mais clareza e valorização das culturas oriundas do campo entre os alunos da zona urbana. Além disso, essa experiência me levou ao aprofundamento das minhas pesquisas e fez-me pôr em prática o meu projeto, que surgiu das minhas inquietações com meus alunos no dia-a-dia em sala de aula.

Tive uma grande provocação em pesquisar o olhar de educandos da zona urbana sobre as culturas e os saberes envolvendo o campo e tendo ao nosso alcance um local propício para a realização da pesquisa entre alunos moradores da zona urbana, a E.E.E.F. Irmã Severina C. Souto. Isso me levou a uma motivação ainda maior, visto que, como educadora, sentia diariamente a necessidade de trabalhar mais profundamente todo o contexto envolvendo a vida, os saberes e a cultura campestre para ajudar aos alunos a compreender melhor sobre o campo, vindo, dessa forma, a contribuir mais positivamente para esse entendimento mais amplo e correto no que diz respeito a um debate mais instigante sobre o campo envolvendo alunos e professores em um único tema que abrange infinitas compreensões de saberes.

Os estudantes residentes na Zona Urbana têm muitas vezes subtraídos de suas atividades escolares diárias, informações e uma série de conhecimentos sobre suas raízes, visto que, durante muitos anos só existiu no Brasil a zona rural, e originou-se dela a formação das primeiras vilas e posteriores cidades.

Muitos professores têm que estar atentos à valorização da diversidade cultural campesina no cotidiano escolar, pois tal tema se não passado da forma correta poderá levar os alunos a um distanciamento bem maior do que o já existente geograficamente falando entre o campo e a cidade, que na verdade estão diretamente ligados dependendo um do outro para uma vivência saudável de ambas as partes.

As origens da zona rural, como a respeito do modo de vida, da agricultura, o clima e tantas outras informações essenciais sobre o campo, devem estar sempre presentes nos planos de curso, que serão aplicados às aulas na zona urbana.

É comum a todo brasileiro ter parentes oriundos do campo, o que nos leva a uma proximidade cada vez maior desse tema que, quando bem abordado contribui para uma formação de cidadãos que respeitam e valorizam o campo e suas culturas.

O modo como é repassado esses conteúdos está diretamente ligado ao modo de como esse aluno da cidade vai reagir ao deparar-se com um sujeito do campo, ou até mesmo, ao entrar numa zona rural e como será essa interação.

Com essa ligação essencialmente necessária para o crescimento educacional e humano, entre zona urbana e zona rural é que justifico minha monografia usando levantamento de dados que indique que concepção de campesinato é passada para os alunos da zona urbana, através das aulas aplicadas por professores do Ensino Fundamental, da Escola Estadual de Ensino Fundamental Irmã Severina Cavalcante Souto sobre a imensidão campesina que os envolve.

1.2 METODOLOGIA E MÉTODO DA PESQUISA

A metodologia do trabalho foi de cunho quantitativa/qualitativa, “Nessa abordagem, valoriza-se o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação em que está sendo estudada.” Godoy (1995, p. 62). De maneira participativa, com intervenções e aplicação de questionário tanto para educadores, quanto para educandos da Escola Estadual de Ensino Fundamental Irmã Severina Cavalcante Souto e com desenvolvimento de projeto educacional visando ampliar o conhecimento dos estudantes dentro do contexto urbano, sobre os contextos campesinos, ampliando suas

concepções e corrigindo possíveis erros de interpretação que possam estar impregnado de maneira preconceituosa, no que diz respeito ao homem do campo, às suas contribuições para a construção, o crescimento e a permanência da cidade de forma harmoniosa e através do desenvolvimento de um respeito recíproco entre campo e cidade.

2 A RELAÇÃO CAMPO X CIDADE: HISTORICIDADE E CONTEXTO ATUAL

A relação Campo x Cidade, sempre esteve intimamente ligada desde tempos remotos. Segundo o dicionário Aurélio, Campo significa “Extensão de terra, arável ou arada: campo de trigo, de milho. / Prado, planície. / Terreno fora das cidades” e Cidade “Designação das povoações de maior amplitude e importância. / Conjunto dos habitantes da cidade. / Grande centro industrial e comercial (em oposição ao campo). / A parte central ou o centro comercial de uma cidade.” Percebemos, porém, um distanciamento notório entre a significação de ambos. O dicionário descreve Campo como terreno fora das cidades, como lugar próprio para o cultivo, de desenvolvimento agrícola, como uma zona rural e descreve cidade com uma importância maior, como local de desenvolvimento/oposto do campo. Sendo contrário a esse conceito descrito pelo dicionário, vemos como afirma José Graziano da Silva:

[...] está cada vez mais difícil delimitar o que é rural e o que é urbano. Mas isso que aparentemente poderia ser um tema relevante, não o é: a diferença entre o rural e o urbano é cada vez menos importante. Pode-se dizer que o rural hoje só pode ser entendido como um ‘continuum’ do urbano do ponto de vista espacial; e do ponto de vista da organização da atividade econômica, as cidades não podem mais ser identificadas apenas com a atividade industrial, nem os campos com a agricultura e a pecuária. (SILVA, 1997, p.01).

Percebemos que o autor nos mostra a necessidade de uma mudança de olhares, no que diz respeito ao conceito de campo/cidade. Através da educação podemos contribuir para uma mudança positiva no modo de olhar o campo, que deve ir bem mais além do conceito de área de cultivo, assim como, a cidade também é bem mais complexa do que apenas um polo comercial. O urbano não é superior ao rural. Ambos se completam, ambos se necessitam.

Conhecer a diversidade cultural camponesa que envolve todo o meio rural é de extrema necessidade de ser compreendida e estudada desde cedo pelos alunos de qualquer faixa-etária ou nível escolar, inclusive os que não habitam no campo, ou seja, os da zona urbana/cidade, para que aprofundando conhecimentos sobre a realidade do homem do campo, retire-se deles a ideia de que o homem do campo é como o personagem do Jeca Tatu criado pelo escritor Monteiro e amplamente compartilhado pela mídia. Veja como descreveu Monteiro Lobato, o Caipira brasileiro:

A nossa terra é vítima de um parasita, um piolho da terra, peculiar ao solo brasileiro [...]. Este funesto parasita da terra é o caboclo [...], começa na morada, sua casa de sapé. Só ele não fala, não ri, não ama. Só ele, no meio de tanta vida, não vive.[...]. O Jeca passava os dias de cócoras, pitando enormes cigarrões de palha, sem ânimo de fazer coisa alguma. Ia ao mato caçar, tirar palmitos, cortar cachos de brejaúva, mas não tinha idéia de plantar um pé de couve atrás da casa. Perto um ribeirão, onde ele pescava de vez em quando uns lambaris e um ou outro bagre. E assim ia vivendo.[...]. O Jeca Tatu era um pobre coitado. Nasceu e sempre viveu em casebres de sapé e barro, desses de chão batido e sem mobília nenhuma, só a mesa encardida, o banco duro, o mocho de três pernas, os caixões, as cuias... Nem cama tinha. Sempre dormiu em esteira de tábua. Que mais na casa? A espingardinha, o pote d'água, o caco de cela, o rabo de tatu, a arca, o facão, um santinho na parede. Livros, só folhinhas - para ver as luas e se vai chover ou não. [...]. A vida do Jeca era a mais simples. Levantar de madrugada, tomar um cafezinho ralo ("escolha" com rapadura), com farinha de milho (quando tinha) e ir para a roça pegar no cabo da enxada. O almoço ele o comia lá mesmo, levado pela mulher; arroz com feijão e farinha de mandioca, as vezes um torresmo ou um pedacinho de carne seca para enfeitar. Depois, cabo da enxada outra vez, até a hora do café do meio dia. E novamente a enxada, quando não a foice ou o machado. A luta com a terra sempre foi brava. O mato não para nunca de crescer e é preciso derrubando as capoeiras e os capoeirões porque não há que se entregue tão depressa com as terras de plantação. [...]". "Na frente da casa, o terreirinho, o mastro de Santo Antônio. Nos fundos, o chiqueirinho com capadete engordando, a árvore onde dormem as galinhas e a "horta" - umas latas velhas num jirauzinho, com um pé de cebola, outro de arruda e mais remédios - hortelã, cidreira e etc. [...]. (LOBATO, 2005, p. 161).

Durante a aplicação das atividades referentes ao projeto escolar “Campo: raiz da cidade”, preocupei-me em desmitificar essa figura do Jeca Tatu, há anos arraigada e fortalecida pela mídia que sempre ridiculariza personagens que representam os nordestinos oriundos do campo, mas pude perceber após a aplicação do questionário com os alunos, que essa figura ainda é muito forte dentro da mentalidade dos estudantes da zona urbana, fator este, que valoriza ainda mais, a abertura dessa discussão em aula.

Compreender a importância e valorizar os saberes da população camponesa, como fonte rica em conhecimentos que podem e devem ser incorporados nas trocas de conhecimentos que existem no dia a dia da sala de aula e é de extrema importância para criar desde cedo um vínculo de respeito às diversidades culturais e regionais existentes em todo o Brasil.

Incentivar o respeito às diferenças existentes em distintas regiões, mostrar que são elas, que tornam os seres cada vez mais iguais, cada vez mais humanos, é dever da escola e de todo educador compromissado com sua função educacional.

O educador deve ter uma visão de mundo bastante ampliada, compreender e respeitar a diversidade cultural e regional, para que possa transmitir esses ensinamentos entre seus alunos de forma coerente.

A revista Nova Escola, de abril de 2002, dá algumas dicas de como os educadores podem abordar temas que enfatizam as diferenças.

Tema: Aceitação da diversidade
Objetivo: Conhecer as várias etnias e culturas, valorizá-las e respeitá-las. Repudiar a discriminação baseada em diferenças de raça, religião, classe social, nacionalidade e sexo. Reconhecer as qualidades da própria cultura, exigir respeito para si e para os outros
Como chegar lá: Procure em sua disciplina elementos que propiciem o desenvolvimento de atividades ligadas ao tema. Fique atento ao que acontece na sala de aula, na escola e na comunidade e que se caracterize como estereótipo, discriminação ou preconceito. Identifique outros elementos na mídia. Os dois caminhos facilitam a discussão em classe
Dica: Todos nós temos uma história de vida, com características pessoais e crenças arraigadas. Analise-se e verifique se suas posições têm por base a justiça e a ética. Não tenha medo de trocar ideias com os colegas, pois o tema é delicado mesmo. (PELEGRINE, 2002, p.30).

Pesquisar a história de vida de cada aluno, perceber a importante influência da zona rural na formação do povo brasileiro, as ligações de parentesco existentes entre os alunos e alguns moradores do campo, é fundamental para um bom desenvolvimento do tema campesino sendo abordado em sala de aula.

Provavelmente todos, ou a maioria dos alunos, terão alguma ligação ou parentesco com algum morador da zona rural. Daí pode se formar um grande debate ou trabalho de pesquisa, em que eles irão à busca de suas raízes e vão aprofundar conhecimentos, com entrevistas com os próprios pais ou parentes que lhes relatem como era ou é o cotidiano de seus parentes moradores do campo.

Na citação abaixo, a revista Nova Escola de abril de 2002, deixa bastante claro, a importância de abordar temas e criar ações que valorizem as diferenças, para com isso, o educador ajudar seus alunos a aprender a serem cidadãos que respeitam as diferentes etnias e culturas existentes desde que o mundo é mundo.

Ações que valorizem as diferentes etnias e culturas devem, sim, fazer parte do dia-a-dia de todos os colégios. Mas isso não é tudo. É preciso que os alunos aprendam a repudiar todo e qualquer tipo de discriminação, seja ela baseada em diferenças de cultura, raça, classe social, nacionalidade, idade ou preferência sexual, entre outras tantas. "A Pluralidade Cultural é uma área do conhecimento", lembra Conceição Aparecida de Jesus, uma das autoras dos Parâmetros Curriculares Nacionais de 5ª a 8ª série, que têm um capítulo inteiro

dedicado ao tema. Pedagoga e consultora, ela ensina a incluir o tema no planejamento. "Cultive o hábito de ouvir as pessoas e desenvolva projetos pedagógicos com propostas que tenham por base questões presentes no cotidiano das relações sociais." Quem adota essa prática com estudantes que sofrem com o preconceito garante: a agitação da turma diminui, todos se aproximam do professor e os mecanismos de ensino e aprendizagem são facilitados. (PELEGRINE, 2002, p.30).

Saber perceber dentro da sala de aula informações sobre o campo, sem ter, porém que desvalorizar as conquistas e o modo de vida da zona urbana.

São dois mundos diferentes e possuidores de suas próprias belezas. Diferentes modos de vida que devem ser abordados em sala de aula da forma mais natural possível.

Ambos se completam na formação histórica da humanidade e jamais deveria haver a hierarquia de um sobre o outro, apesar de sabermos que sempre existiu certo desprezo por parte das autoridades e até de muitos moradores da zona urbana, que julgam o campo como local de atraso. Cada um tem suas riquezas e características próprias, ricas culturalmente e totalmente aplicáveis pedagogicamente em sala de aula.

Vejamos o que segundo Willians, foi historicamente associado ao conceito de campo e de cidade ao longo da história da humanidade;

Em torno das comunidades existentes, historicamente bastante variadas, cristalizaram-se e generalizam-se atitudes emocionais poderosas. O campo passou a ser associado a uma forma natural de vida – de paz, de inocência e virtudes simples. À cidade associou-se a ideia de centro de realizações – de saber, comunicações, luz. Também se constelaram poderosas associações negativas: a cidade como lugar de barulho, mundanidade e ambição; o campo como lugar de atraso, ignorância e limitação. O contraste entre campo e cidade, enquanto formas de vida fundamentais, remonta à Antiguidade clássica. (WILLIANS, 1989, p.11).

Conhecendo-se as multiplicidades regionais de forma positiva, ajudará a transformar muitas mentes preconceituosas e discriminatórias em mentes abertas e livres de distanciamentos culturais e humanos desnecessários.

2.1 EDUCAÇÃO RURAL X EDUCAÇÃO DO CAMPO

Abordar assuntos envolvendo as riquezas culturais e regionais existentes na zona rural, de forma autêntica, ajuda também a diminuir ou até, eliminar o preconceito violento que há em torno, por exemplo, dos nordestinos que migram para o sul do país em busca de melhores condições de vida, visto que, as políticas voltadas para os moradores do campo ainda é escassa e acaba obrigando alguns sujeitos do campo a

fazer essa migração que causa um sofrimento a muitos deles que se sentem desolados longe de seus familiares e de sua terra natal.

Os educadores também têm a missão de saber distinguir e repassar corretamente a diferença existente entre educação do campo e educação rural, pelo fato de muitos ainda confundirem, pois o campo está contido no contexto rural, mas tem em seus sujeitos e suas lutas traços fortes e marcantes que devem ser bem enfatizados e também muito bem preservados. Vejamos o que nos diz Caldart, em seu texto preparado como roteiro de exposição para o III Seminário do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), ocorrido em Luziânia, GO, de 2 a 5 de outubro de 2007, onde a mesma enfatiza:

Há então quem prefira tratar da Educação do Campo tirando o campo (e seus sujeitos sociais concretos) da cena, possivelmente para poder tirar as contradições sociais (o “sangue”) que as constituem desde a origem. Por outro lado há quem queira tirar da Educação do Campo a dimensão da política pública porque tem medo que a relação com o Estado contamine seus objetivos sociais emancipatórios primeiros. Há ainda quem considere que o debate de projeto de desenvolvimento de campo já é Educação do Campo. E há aqueles que ficariam bem mais tranquilos se a Educação do Campo pudesse ser tratada como uma pedagogia, cujo debate originário vem apenas do mundo da educação, sendo às vezes conceituada mesmo como uma proposta pedagógica para as escolas do campo. (CALDART, 2007, p.2).

Tratar da educação do campo de diversas maneiras, enfatizando as lutas e as conquistas dos moradores do campo, que há anos lutam por políticas públicas voltadas para atender às suas necessidades específicas e não meramente reproduzir a educação urbana. Como se a mesma fosse válida para todos os contextos sem especificarem-se as culturas e anseios dos moradores do campo pela reforma agrária, a justa divisão das terras que vêm sendo repassadas de geração em geração, a uma minoria que explora e não deixa o campo crescer igualitariamente. Ainda segundo Caldart:

A Educação do Campo nasceu como mobilização/pressão de movimentos sociais por uma política educacional para comunidades camponesas: nasceu da combinação das lutas dos Sem Terra pela implantação de escolas públicas nas áreas de Reforma Agrária com as lutas de resistência de inúmeras organizações e comunidades camponesas para não perder suas escolas, suas experiências de educação, suas comunidades, seu território, sua identidade. (CALDART, 2007, p.2.).

Como podemos perceber, a participação das lutas dos camponeses por uma educação do campo voltada para os anseios e necessidades dos moradores do campo foi

de suma importância para a criação de uma separação entre educação do campo e educação rural.

Com uma educação do campo que atenda as reivindicações dos sujeitos do campo, o campo não seria mais o local de saída de moradores que migram à procura de grandes centros urbanos, que atendam às faltas existentes no campo.

Esses moradores do campo que deixam sua terra natal, em busca de sonhos, que são muitas vezes impossíveis de realizar-se, sofrem a dor da partida em que se veem deixando para trás os seus entes queridos e rumando para uma nova cidade, onde ao chegarem, sofrem ainda mais com os preconceitos que vão desde o seu modo de falar estendendo-se para tudo o que os rodeiam.

Muitos desses trabalhadores Nordestinos chegam até mesmo a perder a vida, em consequência de uma visão distorcida e maldosa que vem sendo criada em torno da imagem da pessoa do Nordeste.

O educador tem em suas mãos, as ferramentas necessárias para contribuir para uma mudança de pensamento diante da visão estereotipada sobre a zona rural, que vem permeando há séculos.

Pesquisar e entender melhor a vida da zona rural ajudará os alunos a terem a compreensão satisfatória a respeito de um mundo que é totalmente diferente do que eles vivem, mas, que nem por isso deixa de ter infinitas riquezas históricas e culturais.

Aprender a respeitar o espaço do outro como algo intrínseco no ser humano, que reconhece no outro sua própria espécie, livre de diferenças, de distanciamentos ou da ideia de superioridade de uma raça ou população sobre outra.

2.2 POLÍTICAS EDUCACIONAIS PARA O CAMPO E A CIDADE: UMA COMPARAÇÃO NECESSÁRIA

Durante muitos anos na História do Brasil, a população do campo vem sofrendo pela discriminação e pelo descaso das autoridades que muitas vezes criam políticas educacionais mais voltadas para a similaridade com a zona urbana do que, políticas que beneficiem os sujeitos do campo. Segundo Caldart;

[...] a afirmação deste traço que vem desenhando nossa identidade é especialmente importante se levamos em conta que a história do Brasil, toda vez que houve alguma sinalização de política educacional ou projeto pedagógico específico isto foi feito para o meio rural e muita poucas vezes para os sujeitos do campo como sujeito da política e da pedagogia, sucessivos governos tentaram sujeitá-los a um tipo de

educação domesticadora e atrelada a modelos econômicos perversos (CALDART, 2002, p.28).

Desta forma, podemos verificar que os sujeitos do campo, vêm sendo esquecidos ou deixados em último plano no que diz respeito às políticas voltadas para o crescimento educacional dos sujeitos que vivem no campo. Aí então está mais um grande motivo para que os educadores da zona urbana possam atrelar de maneira mais concisa a trajetória do campesinato brasileiro aos ensinamentos aplicados aos seus alunos da zona urbana, facilitando essa compreensão melhor, da trajetória do campo no Brasil.

As autoridades devem criar políticas educacionais, tanto voltadas para as escolas do campo e seus sujeitos, quanto para as escolas dos centros urbanos e os sujeitos nela inseridos, visto que ambas devem conhecessem mutuamente, se familiarizando e identificando suas características comuns, para que se compreendam e se respeitem ao se conhecerem e se reconhecerem uma na outra.

Segundo Caldart, 2003:

Neste sentido, é a sociedade como um todo que tem o dever de construir tanto escolas do campo como escolas da cidade, quer dizer, escolas inseridas na dinâmica da vida social de quem dela faz parte, e ocupadas pelos sujeitos ativos deste movimento. Uma escola do campo não é, afinal, um tipo diferente de escola, mas sim é a escola reconhecendo e ajudando a fortalecer os povos do campo como sujeitos sociais, que também podem ajudar no processo de humanização do conjunto da sociedade, com suas lutas, sua história, seu trabalho, seus saberes, sua cultura, seu jeito. Também pelos desafios da sua relação com o conjunto da sociedade. Se é assim, ajudar a construir escolas do campo é, fundamentalmente, ajudar a constituir os povos do campo como sujeitos, organizados e em movimento. Porque não há escolas do campo sem a formação dos sujeitos sociais do campo, que assumem e lutam por esta identidade e por um projeto de futuro. (CALDART, 2003, p.66).

Nesse sentido, é fundamental que os alunos da zona urbana aprendam através da educação a terem cada vez mais respeito e conhecimento sobre os valores culturais, morais e históricos que rodeiam o campesinato brasileiro, para que com o apoio de uma boa educação urbana passem a compreender melhor as lutas para obtenção de direitos que rodeiam o campo e seus sujeitos, além da imensidão cultural camponesa que pode ser abordadas em sala de aula pelos educadores da zona urbana enriquecendo muito mais os conteúdos aplicados por eles aos seus alunos.

2.3 O CURRÍCULO ESCOLAR: UMA NECESSÁRIA REVISÃO PARA UMA MELHOR CONTEXTUALIZAÇÃO DO CAMPO E DA CIDADE

Enfatizar na escola o estudo da história do campesinato brasileiro, suas heranças culturais, que formaram as raízes que compõem a cidade é de suma importância no combate ao preconceito, sofrido há anos pelos nordestinos¹ e à violência por esse preconceito gerada. Poder contar com a contribuição escolar para a formação de futuros cidadãos bem mais tolerantes e respeitosos com seu próximo e que valorizam e preservam sua história, é de uma importância impar para o futuro de toda a humanidade.

Vejamos a baixo o que diz Joelson Alves Onofre, a respeito do currículo escolar:

O currículo, pensado em toda a sua dinâmica, não se limita aos conhecimentos relacionados às vivências do educando, mas introduz sempre conhecimentos novos que, de certa forma, contribuem para a formação humana dos sujeitos. Nessa perspectiva, um currículo para a formação humana é aquele orientado para a inclusão de todos no acesso aos bens culturais e ao conhecimento. Assim, teremos um currículo a serviço da diversidade. Como a diversidade é característica da espécie humana nos saberes, modos de vida, culturas, personalidades, meios de perceber o mundo, o currículo precisa priorizar essa universalidade. (ONOFRE, 2008, p.104).

Daí, percebemos a extrema importância e responsabilidade da escola, para a abordagem e introdução de temas que desmitifiquem e ressignifiquem o modo de vida do morador do campo, retirando o conceito de que esses sujeitos são inferiores ou que têm menos saberes do que os sujeitos da cidade.

O currículo deve ser flexível para introduzir novos saberes àqueles já existentes em cada indivíduo e levá-los a uma ligação de culturas e reciprocidade de necessidade uma da outra, gerando assim um respeito mútuo entre campo e cidade. Esta flexibilidade curricular possibilitará atividades Inter e Multidisciplinares, no tocante às práticas pedagógicas, como a exemplo da utilização de músicas e cordéis nas aulas.

Ainda observando a citação do autor Onofre, que nos diz com relação à função da escola nesse processo de aproximação entre campo e cidade, fortalecendo o estudo da diversidade cultural e territorial existente no nosso imenso Brasil:

A instituição escolar não pode isentar-se do seu compromisso enquanto propiciadora de formas acolhedoras da diversidade. Com o avanço de novos estudos culturais e sobre a diversidade, a escola precisa apoderar-se dessas discussões e levá-las para seu interior, debatendo, com os gestores, educadores, educandos, corpo técnico e administrativo, questões tão atuais que, às vezes, nos pegam

¹ Relativo ou pertencente ao Nordeste brasileiro. Habitante ou natural desta região.

desprevenidos. Ou seja, esses assuntos precisam estar na pauta de discussão de toda unidade escolar. Não dá mais para fingir que determinados conteúdos extracurriculares não precisam ser contemplados também no chamado “currículo tradicional”. Os saberes escolares transmitidos aos educandos em processo de escolarização nada mais são que uma ideologia pautada num currículo conservador e estagnado. Esse processo meramente instrucional, que perdura até os dias atuais, impossibilita que outros saberes sejam acrescidos ao currículo. (ONOFRE, 2008, p.104).

Percebemos, pois, a necessidade de uma interação de todos aqueles que fazem parte da comunidade escolar e local, para a interação de novos conceitos e conteúdos a serem acrescidos dos currículos fechados e tradicionais que perduram até os dias atuais.

Logo entendemos que o estudo da trajetória dos sujeitos do campo, da migração e da contribuição dos nordestinos na construção das grandes metrópoles no Brasil, parte de uma temática que exige uma maior profundidade, que deve ir além do que nos mostra tão resumidamente o livro didático, que não aprofunda a imensa diversidade campesina que os envolve e que nos aproxima, fazendo com que através de um aprofundamento e reconhecimento da importância deles para o Brasil, venha também a crescer o respeito e o reconhecimento da extrema contribuição do campo para a cidade.

Visando ampliar as possibilidades de uma conexão mais apropriada para o estudo do campo em zona urbana, propusemos uma série de atividades que envolveram e atraíram os estudantes, em um convite a um aprofundamento maior dentro dos contextos campesinos, para que o conhecendo melhor, surja um diálogo e uma proximidade construtiva entre ambos, visto que cada um deles, campo e cidade, trazem consigo infinitas possibilidades de atividades educativas.

3 CONTEÚDOS TRABALHADOS

Durante a execução do projeto escolar “CAMPO: raiz da cidade” trabalhamos com variados tipos de atividades, que enfatizaram e enriqueceram o conhecimento dos educandos em torno do tema “Campo”. Nestes momentos, conseguimos captar, uma interação que vinha acompanhada de um entusiasmo muito grande por parte dos estudantes, que em momento algum, sentiram-se desmotivados em participar. Ao contrário, pôde-se notar, um aumento no interesse em participar das aulas e de todas as atividades.

A seguir, veremos os conteúdos trabalhados durante o ano de 2013, junto aos alunos do 5º ano da escola Irmã Severina C. Souto/João Pessoa, dentro do projeto escolar “CAMPO: raiz da cidade”, valendo salientar, que o referido projeto, foi selecionado e premiado no concurso “Mestres da Educação 2013”, que premia com o 14º salário, professores que apresentassem experiências exitosas de ensino do estado da Paraíba.

QUADRO I – CONTEÚDOS TRABALHADOS NO PROJETO / CAMPO: RAIZ DA CIDADE
--

- | |
|---|
| <ul style="list-style-type: none"> • Leitura e interpretação de textos e poemas referentes à vida do homem do campo; • Estudo das belezas e áreas de preservação natural da paisagem nordestina, como a exemplo (Pedras de Ingá); • Estudo sobre agricultura e técnica de plantio Mandala; • Clima e animais comuns no campo (O sapo, Preá, Timbu, Gado, Mula, etc.) • Estudo das músicas: <ul style="list-style-type: none"> ✓ Cantiga do sapo (Jackson do Pandeiro) ✓ Obrigado ao homem do campo (Dom e Ravel). ✓ Disparada (Geraldo Vandré) ✓ Canção Nordestina (Geraldo Vandré) ✓ Orgulho de ser Nordestino (Flávio Leandro; interprete: Flávio José) ✓ Asa Branca (Luiz Gonzaga) ✓ Seca Nordestina (Flávio José) ✓ A vida Sertaneja (Antônio Batista Guedes) |
|---|

- ✓ O que é literatura de cordel? (Francisco Ferreira Filho Diniz)
- Visualização de documentários e filmes sobre a vida no Campo como:
- ✓ **O Brasil Sertanejo/O Povo Brasileiro**²/Darcy Ribeiro.(Documentário).
- ✓ **Por uma vida melhor**³/ Thereza Jessouroun, é uma realização de CECIP, CESE e IBASE. (documentário)
- ✓ **Migrantes**⁴ (documentário), direção de Beto Novaes, Francisco Alves e Cleisson Vidal, 2007.
- ✓ **Turma da Mônica “ Na roça é diferente”**⁵
 - **Uma questão de terra**⁶ - filme "Uma questão de terra" (1988), dirigido por Manfredo Caldas
 - **Atividades lúdicas**
 - ✓ Pinturas Rupestres;
 - ✓ Mandala;
 - ✓ Sapos de origami;
 - ✓ Literaturas de cordel;
 - ✓ Margaridas.
 - ✓ Desenhos livres
 - ✓ Interpretação e seminários
 - ✓ Maquetes sobre o campo.

Fonte: PROJETO DE INTERVENÇÃO / CAMPO: RAIZ DA CIDADE, 2013.

Com o intuito, de mediar à proximidade de estudantes da zona urbana com a diversidade e riqueza existente no campo, contribuindo assim, para a obtenção de saberes antes, por muitos, desconhecidos, surgiu o projeto escolar “CAMPO: raiz da cidade, que desenvolveu várias atividades, que serão descritas a seguir.

² <http://www.youtube.com/watch?v=j7uIZ95ALyA>

³ <http://www.youtube.com/watch?v=1sHrxvC73GE>

⁴ <http://www.youtube.com/watch?v=Laf1BwcGpgI>

⁵ <http://www.youtube.com/watch?v=m6of-9AzgZc>

⁶ <http://www.youtube.com/watch?v=QU0Na3RhcvY>

4 DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES APLICADAS

Muitas atividades foram pensadas de modo que levassem os estudantes a uma valorização e compreensão maior do que é o campo e da sua real importância para a cidade e de como o campo completa a cidade e vice-versa.

Em meio a filmes, documentários, músicas, poemas, textos e principalmente desenvolvendo através do lúdico, da arte um complemento que tornou as aulas bem mais atrativas e interessantes para os estudantes que participaram do projeto.

Houve interesse geral da turma em conhecer um pouco mais sobre o campo, tão diverso, mas ao mesmo tempo, tão distante da realidade dos estudantes da zona urbana. E com esta concepção de que na função de educadora, que teve a oportunidade de conhecer mais de perto tais conceitos, me propus a mediar tais conhecimentos.

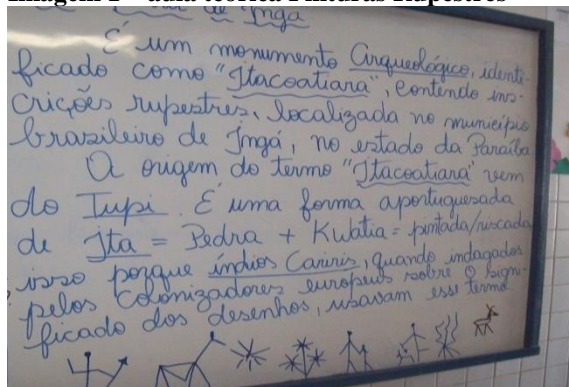
Vejamos a seguir, algumas atividades desenvolvidas dentro do projeto CAMPO: raiz da cidade no ano de 2013:

4.1 PEDRAS DE INGÁ / PINTURAS RUPESTRES

Com o intuito de enfatizar a importância da preservação de nosso patrimônio histórico, destacamos a história das pedras de Ingá e das pinturas rupestres deixadas nelas pelos índios, antigos moradores da nossa Região Nordeste⁷.

Na ocasião, além da aula teórica, onde foi possível aprender a importância da preservação das pinturas rupestres, para conservar a nossa história, houve também, um momento muito proveitoso, em que os estudantes fizeram pinturas em suas próprias pedras, previamente solicitadas. Foi uma tarde de arte e história, em que conhecemos mais essa riqueza, guardada na história do nosso estado, Paraíba.

Imagem 1 – aula teórica Pinturas Rupestres



Fonte: Arquivo Pessoal, 2013.

Imagem 2 - Aluno desenhando em pedra.



Fonte: Arquivo Pessoal, 2013.

⁷ É uma das cinco regiões em que se divide o território brasileiro. Ocupa 18,20% do território. A sua área é de 1.548.672 quilômetros quadrados. É formada pelos seguintes estados: Ceará, Maranhão, Piauí, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Bahia e Sergipe.

Imagem 3- Aluno pintando em pedra/rupestre

Fonte: Arquivo Pessoal, 2013.

Imagem 4 - Culminância/Exposição das pinturas feitas pelos próprios alunos.

Fonte: Arquivo Pessoal, 2013

Nas imagens 1, 2, 3 e 4, nós podemos observar as atividades envoltas ao conteúdo sobre as pedras de Ingá e toda a história que fez parte do cotidiano dos nossos antepassados, que foram marcadas através das pinturas rupestres, monumento arqueológico localizado no município de Ingá/PB.

4.2 MARGARIDA MARIA ALVES

Não poderíamos deixar de ressaltar a história da líder camponesa Margarida Maria Alves, que foi assassinada covardemente por defender os direitos dos trabalhadores camponeses, que eram explorados por latifúndios e usineiros, que não queriam valorizar devidamente o trabalhador do campo, fato este, que visualizamos em trecho do documentário “Uma questão de terra”⁸, dirigido por Manfredo Caldas.

O fato de 2013, ter sido um ano em que completara 30 anos da morte de Margarida Maria Alves me levou a visitar a cidade de Alagoa Grande/PB, juntamente com grupo de pesquisa da UFPB, no qual atuo na condição de bolsista e onde pude conhecer mais a fundo a história dessa grande líder camponesa que mesmo após 30 anos de impunidade diante de seu assassinato, jamais foi esquecida pelos seus conterrâneos.

Na ocasião não foi possível levar os estudantes que participavam do projeto “CAMPO: raiz da cidade”, mas reproduzimos na sala de aula um pouco da trajetória de Margarida Maria Alves e a nossa visita à Alagoa Grande, serviu como fonte de inspiração para a aplicação de novas atividades.

⁸ <http://www.youtube.com/watch?v=QU0Na3RhcvY>

Imagem 5- Visualização do filme Uma questão de terra

Fonte: Arquivo Pessoal, 2013.

Imagem 6 - confeccionando margaridas

Fonte: Arquivo Pessoal, 2013

Imagem 7 –Exposição das margaridas na culminância

Fonte: Arquivo Pessoal, 2013.

Imagem 8 – visita à casa de Margarida

Fonte: Arquivo Pessoal, 2013

Nas imagens 5, 6 e 7 , contemplamos os estudantes em atividades sobre a líder Camponesa Margarida Maria Alves, que vão desde a visualização de documentário “Uma questão de terra”, em seguida com a confecção de margaridas feitas com material reciclado e a exposição das mesmas na culminância do projeto “CAMPO: raiz da cidade”. Já na imagem 8, vemos a casa de Margarida Maria Alves, que hoje funciona

como museu, que guarda um pouco daquela que foi tão importante na luta pelos direitos dos camponeses.

4.3 LITERATURA DE CORDEL

Conhecer a importância da literatura de cordel para a vida dos sujeitos do campo, que contam em rimas estórias e histórias de vidas, de sonhos, de causos e contos sertanejos, é de extrema importância para ser vivenciada em aula e foi o que aconteceu.

O cordel, foi um tema bastante relevante dentro do projeto, pois foram criados cordéis após a visualização de imagens e leitura de cordéis em sala, que logo em seguida foram apresentados pelos autores/estudantes, que puderam expressar através de rimas a vida do sertanejo.

Imagem 9 - Explicação sobre literatura de cordel



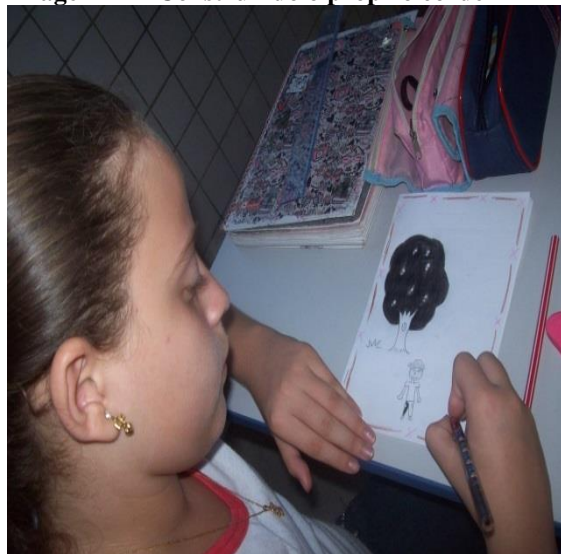
Fonte: Arquivo Pessoal, 2013.

Imagem 10- Slides com literatura de cordel



Fonte: Arquivo Pessoal, 2013

Imagem 11 - Construindo o próprio cordel



Fonte: Arquivo Pessoal, 2013.

Imagem 12 – Recitando o próprio cordel



Fonte: Arquivo Pessoal, 2013

Imagem 13- Exposição de cordéis e painel



Fonte: Arquivo Pessoal, 2013.

Imagem 14 – apresentação de cordéis em culminância



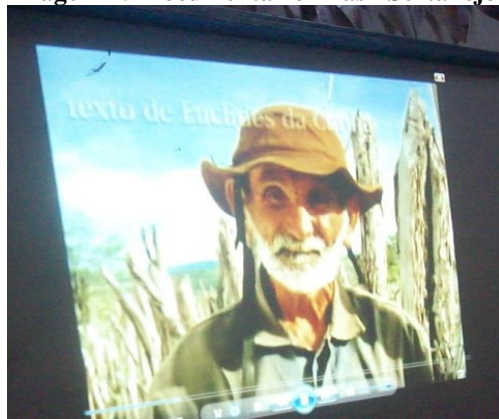
Fonte: Arquivo Pessoal, 2013

Após conhecerem mais a fundo a importância da Literatura de Cordel para os sertanejos, os estudantes criaram seus próprios cordéis sobre o campo e sua diversidade e aconteceu em sala um recital de cordéis criados pelos próprios alunos, que posteriormente foram expostos para os visitantes durante a culminância.

4.4 DOCUMENTÁRIO “BRASIL SERTANEJO” (Darcy Ribeiro)

No projeto “CAMPO: raiz da cidade” houve a oportunidade de passarmos o documentário “Brasil Sertanejo” (Darcy Ribeiro), onde assuntos como a migração dos moradores do campo para outras regiões brasileiras em busca de condições de vida melhores e a luta pela terra por parte de grupos intitulados de Sem-terra, foram bastante discutidos durante as aulas e ajudaram os alunos a compreenderem melhor os problemas e as dificuldades enfrentadas pelos moradores do campo que têm, muitas vezes, de deixar o campo por falta de políticas públicas voltadas para ele.

Imagem 15-Documentário Brasil Sertanejo



Fonte: Arquivo Pessoal, 2013.

Imagem 16 – Alunos assistindo ao documentário.



Fonte: Arquivo Pessoal, 2013

Após assistirem ao documentário, os alunos fizeram um resumo sobre o que achavam da vida do morador do campo e dos problemas enfrentados por eles durante a seca e como era de se esperar, os alunos conseguiram expressar suas opiniões e todos digitaram seus resumos nos computadores, durante as aulas de informática, assim aliamos conteúdos, fazendo o fortalecimento da aprendizagem dos educandos envolvidos no projeto escolar e proporcionando aos mesmos uma interdisciplinaridade que enriqueceu ainda mais o projeto, aumentando assim a curiosidade e ampliando o uso e benefícios das tecnologias no cotidiano escolar.

4.5 DIGITAÇÃO DOS PRÓPRIOS RESUMOS

Nesta etapa, após a visualização do documentário “Brasil Sertanejo”, solicitamos que os estudantes fizessem um resumo sobre o mesmo, onde eles relatariam o que perceberam, o que sentiram, quais foram os pontos mais relevantes para cada um, visto que, o documentário falava sobre o sofrimento da migração dos nordestinos, a seca, o cangaço, mas sem esquecer de relatar a alegria dos nordestinos, que mesmo distantes de sua terra natal, mantinham uma alegria de viver e de lutar, que nos chamava a atenção.

Após a visualização e conclusão dos resumos, solicitei que os estudantes, durante as aulas de informática, que ocorriam 2 dias na semana, durante 45 minutos aproximadamente, fizessem a digitação destes textos, onde o próprio editor de texto (Word) mostrar-lhes-ia as correções necessárias, acoplando assim, a aula de informática aos conteúdos aplicados em sala, voltados para a vida do homem do campo. E o resultado foi muito satisfatório!

Muitos estudantes nunca tinham tido um contato com computador e muitos deles, mesmo tendo esse contato, nunca tinham tido a responsabilidade de ficar como digitadores dos próprios trabalhos.

Vê a passagem da letra cursiva manual, para a letra digitada no computador, a diminuição do texto nessa comparação, pois quando escreviam cinco linhas, elas se resumiam após a digitação, em no máximo duas. Fato este, que gerou muita discussão e também os levou a ampliarem seus textos, o que foi muito proveitosos, pois assim, eles se esforçariam ainda mais para criarem suas redações.

Eles gostaram muito de ver seus textos impressos e expostos na culminância do projeto, onde receberam a visita dos pais, professores e demais alunos da EEEF Irmã Severina Cavalcante Souto.

Imagem 17- Aluno fazendo resumo do documentário



Fonte: Arquivo Pessoal, 2013.

Imagem 18 - Alunas expondo os resumos escritos e digitados do documentário.



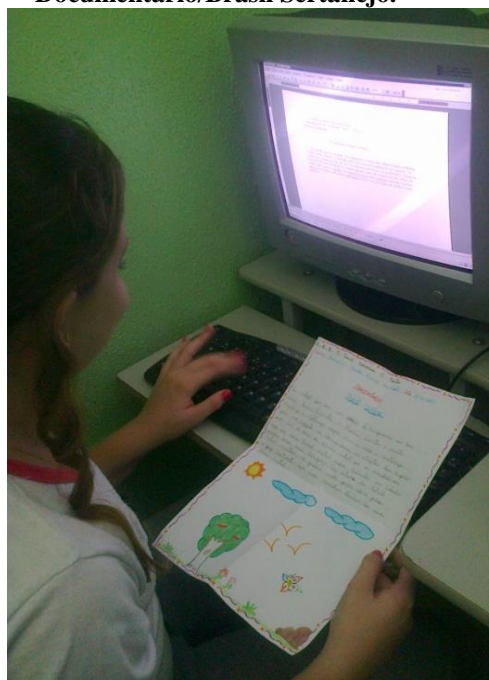
Fonte: Arquivo Pessoal, 2013

Imagem 19- alunas digitando em aula de informática



Fonte: Arquivo Pessoal, 2013.

Imagem 20-digitando resumo do Documentário/Brasil Sertanejo.



Fonte: Arquivo Pessoal, 2013

4.6 MANDALA...UM JEITO INOVADOR DE PLANTIO NO CAMPO.

Imagem 21 -Projeto Mandala. Estado da Paraíba.



Fonte: Foto divulgação/Site Jornal Fluminense.

Durante o projeto “**CAMPO: raiz da cidade**”, discutimos a importância de plantar hortaliças sem agredir o meio ambiente rural e a importância de evitar agrotóxicos químicos, que causam tantos danos à saúde das pessoas que consomem tais hortaliças. Trata-se de um “Projeto desenvolvido no estado da Paraíba, tem a meta da democratização do conhecimento e o fornecimento do desenvolvimento para empreendimentos sustentáveis”.

Vejamos o que nos diz Flávio Oliveira, em matéria disponível em site do jornal Fluminense a respeito do Projeto Mandala:

As mandalas agrícolas são estruturas circulares de produção de alimentos formadas por nove círculos que têm no centro um pequeno reservatório de água, de onde parte o sistema de irrigação. Animais como patos e peixes, além de uma diversidade de plantas dispostas estrategicamente, convivem em harmonia, em uma área comum. O tamanho da mandala sustentável varia de acordo com o local. Em uma família de cinco habitantes, por exemplo, a recomendação é de uma área com dois mil metros quadrados, mas podem ser de tamanhos menores, inclusive implantadas em quintais de casas. A mandala agrícola possibilita o cultivo de até 64 tipos diferentes de vegetais e frutas. O custo de criação do projeto pode chegar, no máximo, a R\$ 2 mil. O benefício pode economizar em gastos mensais com frutas e verduras, além da qualidade do alimento, que estaria livre de agrotóxicos.

Enfatizar a importância de preservação ambiental disponível no plantio em formato de mandala, levou os estudantes a uma compreensão maior de variados tipos de plantações e de sementes disponíveis no campo e que proporcionam alimentos saudáveis na mesa do morador da cidade.

Após a visualização em livro, imagens e debate em aula os alunos previamente solicitados a trazerem sementes para a aula, puderam construir pequenas mandalas de forma artesanal.

Todos os estudantes envolvidos puderam compartilhar sementes, aprofundar conhecimentos e construir artesanalmente mandalas feitas de sementes e materiais recicláveis, que deram um colorido todo especial à aula, saindo um pouco da rotina.

Imagem 22 – Selecionando sementes para mandala



Fonte: Arquivo Pessoal, 2013.

Imagem 23 – Colando sementes na mandala



Fonte: Arquivo Pessoal, 2013

Imagem 24 – Explicação sobre plantio em mandala



Fonte: Arquivo Pessoal, 2013.

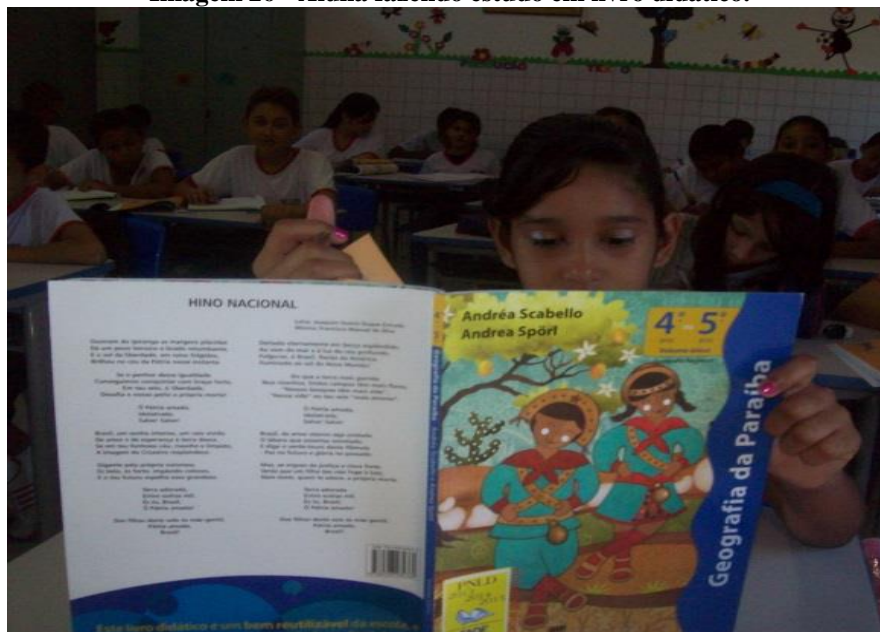
Imagem 25 – Exposição das mandalas



Fonte: Arquivo Pessoal, 2013

A aula sobre o plantio em formato de mandala e a construção de mandalas feitas com sementes de variados tipos e materiais recicláveis, além do uso intercalado do livro didático Geografia da Paraíba e exercícios com debates, que podemos ver nas imagens de 28 até a 32, nos mostra que, em vários momentos do projeto, foram abordados assuntos envolvendo o campo, o que tornou as aulas mais compreensíveis, para os estudantes, que participaram ativamente.

Imagem 26 - Aluna fazendo estudo em livro didático.



Fonte: Arquivo Pessoal, 2013

Na imagem 26, observamos que os estudantes se utilizam do livro didático, sobre a geografia da Paraíba, para a abordagem de textos, leituras e exercícios, que foram anexados ao projeto escolar, fazendo assim, uma junção pedagógica perfeita entre livro e outros recursos didáticos utilizados no decorrer do projeto.

Percebemos que muitos dos textos incluídos no livro “Geografia da Paraíba”, na verdade eram músicas amplamente conhecidas dos nordestinos, que relatavam suas aflições, seus anseios e também a alegria desse povo. Daí surge a ideia de inserirmos além dos textos escritos, as canções em áudio, para enriquecermos às aulas.

Na perspectiva de conseguir melhores resultados no que diz respeito à compreensão de texto musical, presentes no livro didático, buscando atrelar ao ensino teórico, a educação musical, tão importante e que atrai de forma surpreendente aos estudantes, levamos sempre, a música referente à letra a ser estudada através de textos e cartazes, para que não ficassemos apenas no cantar ou no interpretar.

A respeito da importância da música na educação, observamos a citação a seguir do autor Godoy, que nos diz:

É importante ressaltar que o trabalho não se limita a cantar em sala de aula, é necessário discutir o tema da canção a ser cantada, ouvir o que as crianças querem dizer, o que entendem e se têm alguma canção para sugerir sobre o assunto pertinente aquele momento da aula. (GODOY, 2005, p.28).

Como a exemplo da música “Disparada” (Geraldo Vandré), “Orgulho de ser nordestino” (Flávio Leandro/ Canta Flávio José), “Obrigado ao homem do campo” (Dom e Ravel) e “Cantiga de sapo” (Jackson do Pandeiro), todas trabalhadas em sala de aula, onde além do estudo da letra e do que ela nos passava, também tivemos a oportunidade de ouvir as canções e juntos cantarmos, para após interpretarmos a canção e discutirmos o tema que ela nos propôs.

Sabendo que a música acompanha o ser humano desde muito jovem, pois somos acalentados com canções de ninar desde nosso nascimento, vejamos o que nos diz Faria:

A música como sempre esteve presente na vida dos seres humanos, ela também sempre está presente na escola para dar vida ao ambiente escolar e favorecer a socialização dos alunos, além de despertar neles o senso de criação e recreação. (FARIA, 2001, p. 24).

E foi percebendo a importância e os resultados alcançados após a inserção da música no cotidiano escolar, que a colocamos de maneira definitiva e estratégica, tornando a participação dos estudantes no projeto escolar, intitulado de CAMPO: raiz da cidade, algo mais prazeroso e que nos levou a resultados, que superaram nossas expectativas e que segundo Loureiro, tem importância na formação da personalidade do indivíduo:

Atenção especial deveria ser dispensada ao ensino de música no nível da educação básica, principalmente na educação infantil e no ensino fundamental, pois é nessa etapa que o indivíduo estabelece e pode ser assegurada sua relação com o conhecimento, operando-o no nível cognitivo, de sensibilidade e de formação da personalidade. (LOUREIRO, 2003, p. 141).

Percebemos então, que a música e sua utilização em compreensão e interpretação das letras, eram fundamentais para obter-se, resultados positivos. As letras retratavam a vida do homem do campo e a melodia tornava essa vivência mais significativa e de melhor compreensão por parte do alunado e a aula fluía melhor.

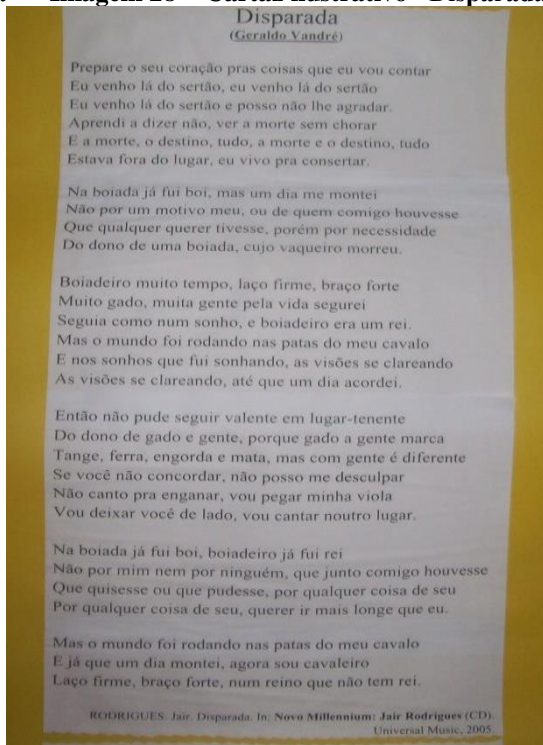
4.7 “DISPARADA” (Geraldo Vandré)

Imagem 27 – Interpretação da música “Disparada”



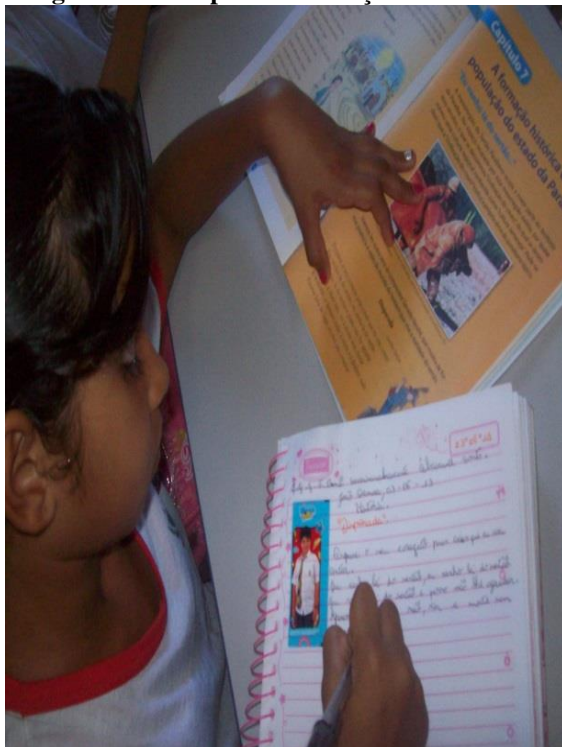
Fonte: Arquivo Pessoal, 2013.

Imagem 28 – Cartaz ilustrativo “Disparada”.



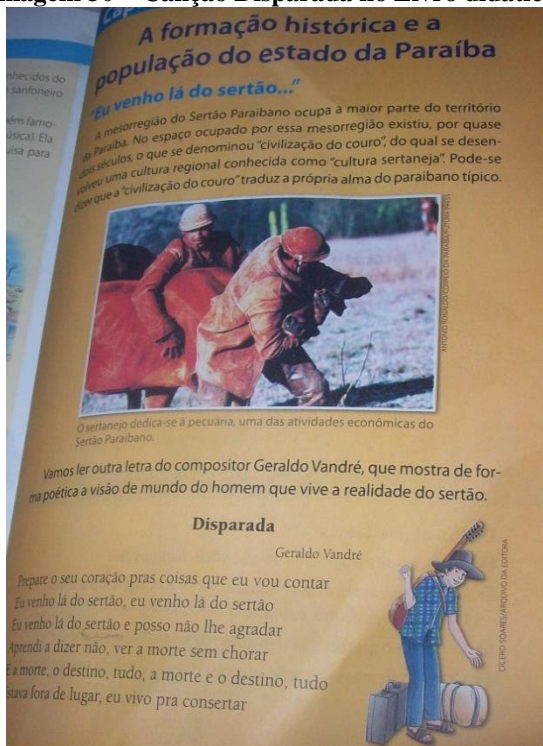
Fonte: Arquivo Pessoal, 2013

Imagem 29 – Interpretando canção do livro.



Fonte: Arquivo Pessoal, 2013.

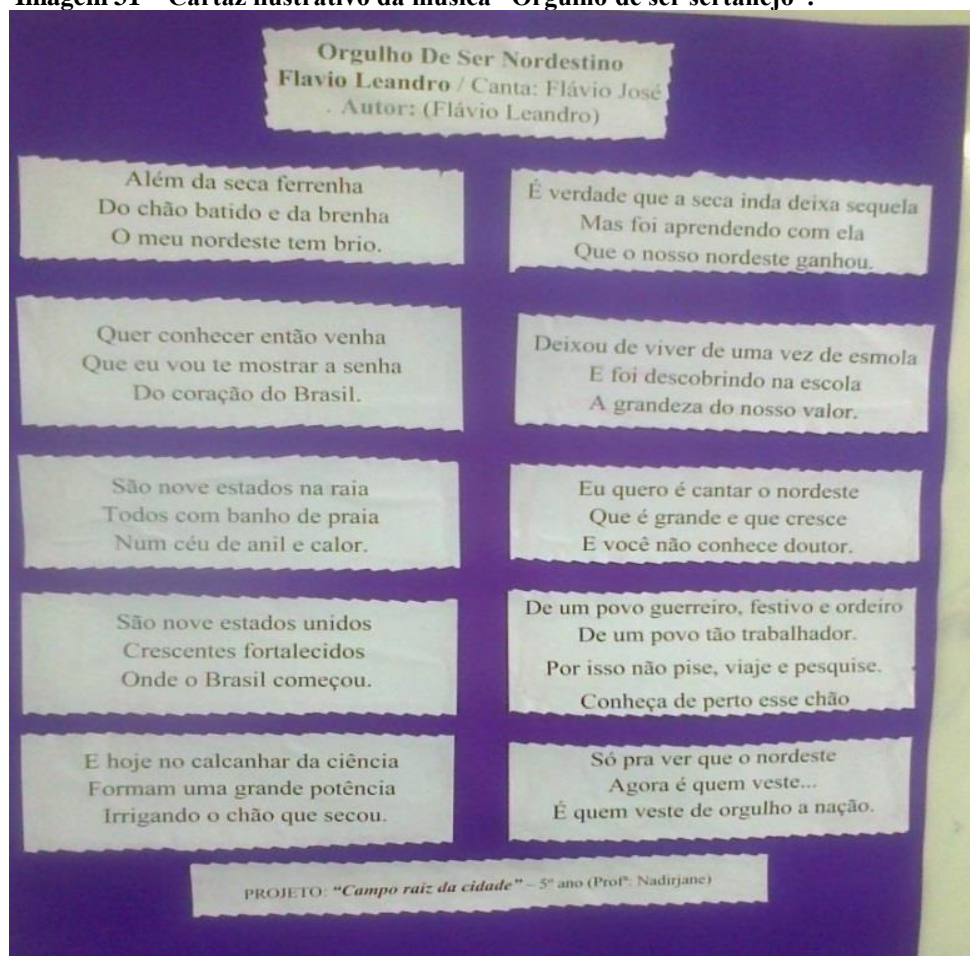
Imagem 30 – Canção Disparada no Livro didático.



Fonte: Arquivo Pessoal, 2013

4.8 “ORGULHO DE SER NORDESTINO” (Flávio Leandro/ Canta Flávio José).

Imagem 31 – Cartaz ilustrativo da música “Orgulho de ser sertanejo”.



Fonte: Arquivo Pessoal, 2013.

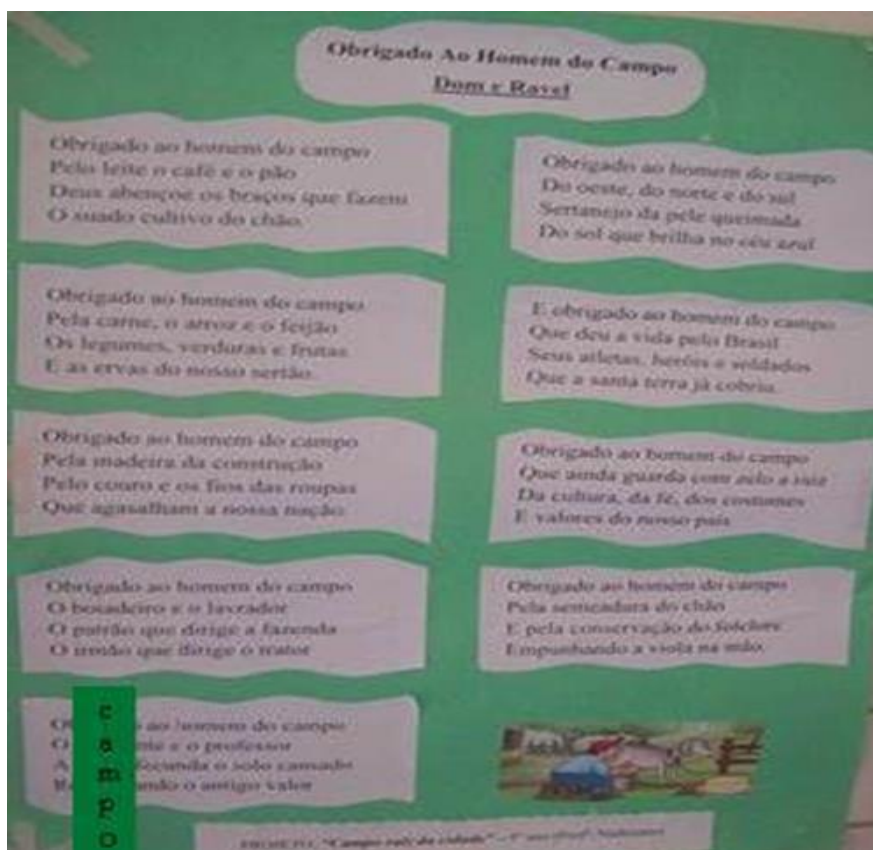
A canção do compositor Flávio Leandro, cantada por Flávio José, “Orgulho de ser Nordestino”, também fez parte do nosso repertório dentro do projeto “CAMPO: raiz da cidade. Na oportunidade levamos um rádio portátil para ouvirmos e através da letra, entendermos um pouco do que nos passou a canção, sobre a alegria do nordestino que canta, que dança e que vence, apesar da seca ferrenha.

O que nos chamou mais a atenção nessa música foi o fato de que nela o autor enfatiza as riquezas e a alegria do povo nordestino, a força de lutar por direitos e construir seu espaço e o respeito da sociedade.

Todas essas questões serviram de ponto de partida para discussões, que fortaleceram o entendimento do alunado e tornaram as aulas bem interessantes, principalmente do ponto de vista, educativo, pois até mesmos as atividades tinham um certo, envolvimento maior do aluno, que tinha como fundo musical, a letra sendo ouvida e cantarolada pelos mesmos, durante a execução das tarefas em aula.

4.9 “OBRIGADO AO HOMEM DO CAMPO” (Dom e Ravel)

Imagem 32 - Cartaz ilustrativo da música “Obrigado ao homem do campo”.



Fonte: Arquivo Pessoal, 2013.

A canção, Obrigado ao homem do campo, foi estudada durante o projeto, onde na oportunidade, trouxemos a música para audição em sala, o cartaz ilustrativo e debate sobre a letra da música. Também foram explorados: rimas, versos, estrofes, quais agradecimentos foram feitos ao homem do campo, pelo autor, a busca pela compreensão e reconhecimento por parte dos estudantes às contribuições do homem do campo para o sustento da zona urbana/cidade.

4.10 “CANTIGA DE SAPO” (Jackson do Pandeiro)

Nesta atividade os alunos puderam conhecer a música “Cantiga de sapo” de Jackson do Pandeiro, ilustre paraibano que oriundo da zona rural de Alagoa Grande/PB, grande em talento e carisma, conquistou a arte musical e cresceu em sua carreira explodindo por todo o Brasil.

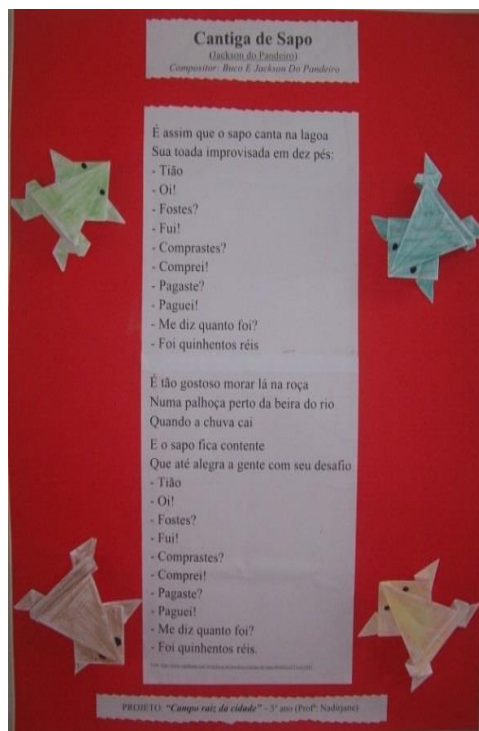
“Cantiga de sapo”, é uma canção tão simples, quanto encantadora. Nos mostra um diálogo entre sapos, na visão artística de Jackson do Pandeiro, que transforma o som emitido pelos sapos da lagoa, onde exploramos os sinais utilizados no diálogo.

Imagem 33-cantando com estudantes/Cantiga de sapo



Fonte: Arquivo Pessoal, 2013.

Imagem 34- Cartaz ilustrativo com sapos

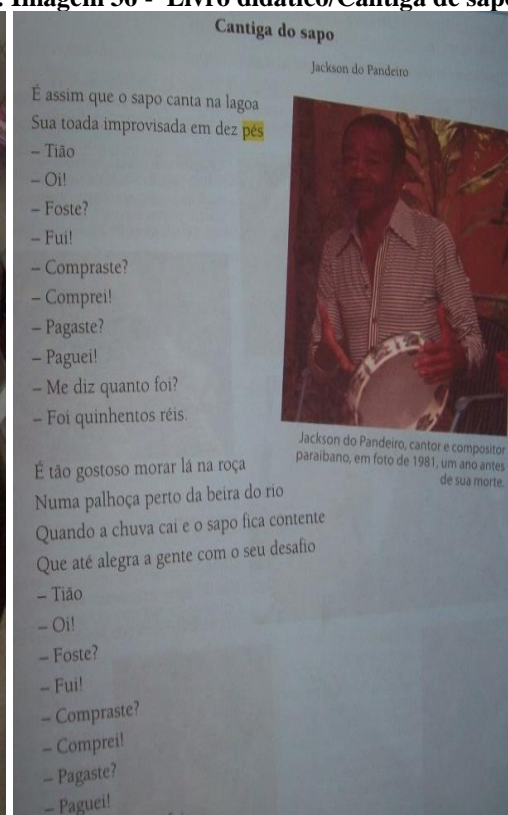


Fonte: Arquivo Pessoal, 2013

Imagem 35-alunas estudando "Cantiga de sapo/livro. Imagem 36 - Livro didático/Cantiga de sapo



Fonte: Arquivo Pessoal, 2013.



Fonte: Arquivo Pessoal, 2013

Imagem 37 – construindo sapos de origami

Fonte: Arquivo Pessoal, 2013.

Imagem 38 – Exposição dos sapos de origami culminância

Fonte: Arquivo Pessoal, 2013

No estudo da música de Jackson do Pandeiro “Cantiga de sapo”, foi utilizado também o livro didático de geografia da Paraíba, no qual os alunos faziam em dupla atividades relacionadas, além de áudio da música original, na voz do próprio Jackson do Pandeiro e exposição de cartaz. Houve também a confecção de sapos de origami para lembrar a cantiga de sapo.

Durante a Culminância do projeto, os alunos apresentaram aos visitantes o resultado dos trabalhos confeccionados pelos mesmos, dentro do projeto “CAMPO: raiz da cidade”, durante todo o ano de 2013, além de explicar para os visitantes um pouco da história de cada objeto exposto e de seus significados.

4.11 MAQUETES SOBRE O CAMPO: CONSTRUINDO SABERES

Durante as aulas dentro do projeto “CAMPO: raiz da cidade”, estudamos muito a diversidade do campesinato brasileiro. Visualizamos o campo em diversos aspectos, desde a origem dos nossos alimentos e utensílios, vindos do campo, setor primário da economia, até a saga dos migrantes nordestinos em busca de melhores condições de vida no sul do país, também relatamos as lutas de camponeses, como Margarida Maria Alves, que sacrificou e perdeu a própria vida, lutando para obter os direitos negados aos trabalhadores rurais nordestinos.

Propomos a utilização de materiais recicláveis para os estudantes participarem da construção do seu próprio campo, ou de como eles viam o campo, através de maquetes.

Almeida menciona, a respeito da necessidade de meios de apropriação do espaço em estudo, das mais diversas maneiras, para uma melhor assimilação do tema em questão e de como ele age no corpo e na mente dos sujeitos envolvidos em sua construção de uma maquete:

Projeta o sujeito para fora do contexto espacial no qual está inserido permitindo-lhe primeiro estabelecer relações espaciais entre a posição do seu corpo e os elementos da maquete; depois, com seu deslocamento em torno da maquete, assume perspectivas diferentes e é forçado a se descentrar para estabelecer relações espaciais entre os elementos na maquete e não mais em relação ao próprio corpo. (ALMEIDA, 1994, p.71-72).

Havia a necessidade dessa transferência de espaço e tempo, visto que os estudantes envolvidos nos estudos de temas campesinos residiam na cidade/zona urbana e sua realidade os distanciava da realidade do campo/zona rural.

Após tantos estudos, pensamos em transferir a visão de campo, dos estudantes, para uma maquete. E mais uma vez, fomos surpreendidos com empenho e participação ativa dos estudantes, em concluir mais esta etapa de seu desenvolvimento educativo.

Segundo Almeida, a construção de maquetes faz com que os estudantes envolvidos tenham várias sensações e noções do objeto a ser construído, sendo projetados através da maquete, para uma melhor compreensão do meio social em questão e foi realmente o que observamos na prática, aonde vimos que houve uma ampliação da compreensão real do contexto campesino pelos alunos da zona urbana, após a construção das maquetes.

Observamos a seguir nas imagens 39, 40 e 41, os estudantes expondo suas maquetes na culminância do projeto escolar CAMPO: raiz da cidade, onde os mesmos compartilharam entre si e os visitantes o resultado do trabalho desenvolvido em grupo, que resultou em belíssimas maquetes sobre o campo.

Imagem 39- Exposição de maquetes construídas pelos estudantes.



Fonte: Arquivo Pessoal, 2013.

Imagem 40- Exposição de maquetes construídas pelos estudantes.



Fonte: Arquivo Pessoal, 2013.

Imagem 41- Exposição de maquetes construídas pelos estudantes/culminância



Fonte: Arquivo Pessoal, 2013.

Percebemos a satisfação dos estudantes em expor seus trabalhos na culminância do projeto, mostrando aos familiares e demais visitantes, o empenho de cada um, em participar ativamente das aulas em questão.

Aproveitamos também para lembrar aos estudantes a importância do reaproveitamento de materiais recicláveis, muito comum ao homem do campo, que diante das dificuldades enfrentadas por eles, que além da seca gerada por longos períodos de estiagem, há também o desemprego, fazendo com que haja a necessidade de economia e reutilização de materiais, que antes seriam descartados, o que é uma prática muito satisfatória.

Enfatizamos o consumismo desenfreado, que atinge as grandes cidades, gerando dívidas e a falência em empresas e famílias. Por isso, a recomendação durante a construção das maquetes sobre o campo, era que fossem utilizados, apenas materiais reciclados, como a exemplo de galhos, folhas, pedras, pó de serra, sementes, papelões, entre outros materiais que fatalmente, acabariam no lixo.

Como resultado, vimos a exposição de lindas maquetes, que orgulharam e deram uma satisfação pessoal muito grande, tanto em quem as construiu, quanto em quem acompanhou e visitou a exposição e que de alguma forma contribuiu para o sucesso do projeto escolar, que contou com a ajuda dos pais em todo desenvolver do seu processo.

4.12 DOCUMENTÁRIO MIGRANTES

Apresentamos a dura realidade dos migrantes nordestinos em busca de melhores condições de vida no sul do país, através do documentário “Migrantes”, exibido em sala, através de recurso de Retroprojektor. Na ocasião, os estudantes visualizara, e posteriormente houve um debate em torno da problemática, que abriu a compreensão em volta do problema da falta de investimento no campo, para que os moradores possam, ter condições de viver nele.

Sobre o filme:

“A direção do documentário “Migrantes” é de Beto Novaes, Francisco Alves e Cleisson Vidal, com edição de Luiz Guimarães. O filme, com cerca de 40 minutos de duração, teve apoio do Ministério da Educação e do Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural (NEAD), vinculado ao Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) do Governo Federal. A produção é da MP-2.

Lançado no final de 2007, durante Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs), também teve lançamentos regionais. Na Bahia, foi exibido no Encontro da Associação Brasileira de Estudos sobre Trabalhos; em Sergipe, num encontro de formadores da Contag; na Câmara Municipal de Piracicaba (SP), o lançamento teve a presença de representantes de 28 municípios da região, e foi transmitido pela TV Câmara; além de ser lançado na cidade de Santo André (SP); na Universidade Estadual Paulista (Unesp); e Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

A dura realidade de Luiz e de outros milhares de cortadores de cana-de-açúcar é tema do documentário “Migrantes” (2007), fruto de uma parceria entre a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal do Piauí (UFPI) e Universidade Federal do Maranhão (UFMA)”.

Imagem 42- Documentário Migrantes



“MIGRANTES”⁹

Sinopse:

"Migrantes" é um documentário que retrata as condições de trabalho e vida dos trabalhadores do Nordeste nos canaviais das modernas usinas paulistas e os motivos que os levam a migrarem de suas terras para submeterem-se a um trabalho árduo, penoso, arriscado no corte da cana. Nos canaviais eles ficam sujeitos a uma nova disciplina e submetidos a um ritmo de trabalho que os colocam no limite de suas capacidades físicas: são obrigados a cortarem, no mínimo, 10 toneladas de cana/dia para permanecerem empregados. A produtividade aumentou, as dificuldades no trabalho também, os ganhos continuam insuficientes. Mesmo assim estes trabalhadores, super-homens da produção, migram por necessidade. A realidade destes trabalhadores do agronegócio da cana é desafiadora para a sociedade e autoridades brasileiras. Como reverter esta situação? Este é o maior desafio que o vídeo documentário coloca.

⁹ <http://www.pr5.ufrj.br/educacaoimagem/migrantes.html>

“OBRIGADO AO HOMEM DO CAMPO”

Dom e Ravel

Obrigado ao homem do campo
Pelo leite o café e o pão
Deus abençoe os braços que fazem
O suado cultivo do chão

Obrigado ao homem do campo
Pela carne, o arroz e feijão
Os legumes, verduras e frutas
E as ervas do nosso sertão.

Obrigado ao homem do campo
Pela madeira da construção
Pelo couro e os fios das roupas
Que agasalham a nossa nação
Pelo couro e os fios das roupas
Que agasalham a nossa nação

Obrigado ao homem do campo
O boiadeiro e o lavrador
O patrão que dirige a fazenda
O irmão que dirige o trator

Obrigado ao homem do campo
O estudante e o professor
A quem fecunda o solo cansado
Recuperando o antigo valor

Obrigado ao homem do campo
Do oeste, do norte e do sul
Sertanejo da pele queimada
Do sol que brilha no céu azul
Sertanejo da pele queimada
Do sol que brilha no céu azul.

E obrigado ao homem do campo
Que deu a vida pelo Brasil
Seus atletas, heróis e soldados
Que a santa terra já cobriu.

Obrigado ao homem do campo
Que ainda guarda com zelo a raiz
Da cultura, da fé, dos costumes
E valores do nosso país.

Obrigado ao homem do campo
Pela semeadura do chão
E pela conservação do folclore
Empunhando a viola na mão
E pela conservação do folclore
Empunhando a viola na mão

Na música, “obrigado ao homem do campo” de autoria de Dom e Ravel, podemos perceber o reconhecimento atribuído pelo autor ao agricultor que faz parte do Setor Primário da economia, que trabalha para manter os demais setores (secundário e terciário) sempre abastecidos. É devido ao esforço do homem do campo que

desfrutamos de alimentos naturais em nossa mesa, movimentando de maneira positiva a economia do nosso país, gerando emprego e renda e um equilíbrio econômico.

Através do estudo da canção “Obrigado ao homem do campo”, os alunos tiveram a oportunidade de estudar diversos aspectos referentes ao homem do campo, sendo que todos eles são aspectos positivos.

Na aula foi utilizado cartaz ilustrativo, recurso de áudio, debate e atividade dirigida.

5 QUESTIONÁRIOS APLICADOS COM ESTUDANTES E PROFESSORES

Sentimos a necessidade de uma coleta de dados que revelassem questões, antes ocultas, pois nos mostrariam concepções referentes ao ensino/aprendizagem, sobre contextos campestres dentro do coletivo educacional, que envolvia principalmente o corpo docente e discente.

Havia relevância em saber-se, por exemplo, quanto aos educadores, assim como, os educandos residentes na cidade/zona urbana, em que proporções, os mesmos tinham ligações que os levassem a um aprofundamento dentro do tema “campo”.

Compreender quais dificuldades pedagogicamente falando, levariam educadores a muitas das vezes, não desenvolver de maneira mais enfática, os contextos campestres dentro do cotidiano escolar.

Qual seria a noção de homem/mulher do campo, compreendida pelos estudantes ao longo de sua trajetória educacional, também foi uma questão lembrada. Será que realmente sabem valorizar e respeitar toda a profundidade inigualável de riquezas existentes no campo e que garantem o mantimento alimentício de forma tão essencial à cidade e seus habitantes?

Perceber quais materiais didáticos são voltados para uma compreensão correta sobre o que é campo e de como educadores e educandos podem se utilizar de tais complementos educativos, assim como, criar seus próprios subsídios, para que haja uma melhor fluência das aulas.

É de uma importância singular, principalmente olhando para o lado do educador, que muitas vezes, deixa de dar uma aula ou de abordar certos assuntos, justificando-se pela falta de materiais didáticos apropriados, quando existem outras opções a serem contempladas e com as quais podem obter bons resultados no ensino/aprendizagem.

6 TABELA DE DADOS QUESTIONÁRIO, APLICADO AOS PROFESSORES DA E. E. E. F. IRMÃ SEVERINA CAVALCANTE SOUTO.

PERGUNTAS	RESPOSTA APROXIMADA EM %		
	Zona Rural/Campo 10%	Zona Urbana/Cidade 90%	
1. Você é oriundo da Zona Rural/Campo ou da Zona Urbana/Cidade?			
2. Tem muitos parentes que residem ou residiram na Zona Rural/Campo?	Sim 60%	Não 40%	
3. Você sente muita dificuldade em aplicar aulas envolvendo assuntos que abordem contextos rurais/campo?	Sim 40%	Não 60%	
4. Qual é o principal problema dos citados a baixo, que você como educador/a já encontrou dentro do contexto escolar, para abordar sobre esse tema?	Falta de interesse dos alunos pelo tema: 30%		Falta de material didático apropriado: 70%
5. Como educador/a, cite uma das causas que levam alguns estudantes da zona urbana/cidade a desconhecem, terem falta de interesse ou preconceito pelo modo de vida da zona rural/campo?	Professores que não enfatizam bem o tema tornando-o desinteressante : 30%	O preconceito por parte dos alunos devido à influência negativa da mídia: 30%	Falta de material apropriado para enriquecer o tema durante as aulas: 40%
6. A escola recebe suporte de material didático-pedagógico para utilização em sala de aula de forma que torne a abordagem do tema mais instigante para os alunos?	Sim, porém não é suficiente: 30%	Não: 60%	Sim, só com os livros didáticos posso abordar muito bem esse tema: 10%
7. Que tipo de aula que você ministrou trouxe maior interesse para os alunos sobre a vida no meio rural?	Filmes educativos, slides: 30%	Aula de campo - passeios, viagens, museus: 10%.	Aula teórica seguida de questionário: 60%
8. Qual foi a sua contribuição para melhorar o conhecimento e entendimento dos educandos a respeito das questões envolvendo a cultura do campo?	Acredito ter feito minha parte e passado todo o conhecimento necessário: 60%		Depois de minhas aulas os alunos passaram a valorizar melhor a zona rural: 40%

Tabela 1 – Referente à aplicação de questionário aos professores (10 professores responderam ao questionário) na Escola Irmã Severina Cavalcante Souto. Aplicado em junho/2013.

A tabulação dos dados da aplicação do questionário aos 10 professores nos revela o alto índice de educadores da zona urbana que são da própria zona urbana, o que nos mostra certo distanciamento do tema ao mesmo tempo em que há uma proximidade.

Ao analisarmos a questão 2 que nos revela, que 60% dos parentes desses educadores que se submeteram a responder ao questionário, são oriundos da zona

rural/campo, fazendo-nos perceber a forte ligação existente entre zona rural e zona urbana. Uma depende e necessita da outra. Dentro de uma há traços da outra e a história de uma é completamente ligada à história da outra, para não dizer a existência de uma é consequência da história da outra.

Na citação a seguir os autores nos remetem ao conceito de fortalecimento a autonomia das populações do campo, levando-nos a uma compreensão de não haver a hierarquia da cidade sobre o campo, rompida pela educação do campo.

Compreendendo que a educação do campo, a educação popular, pode e deve, ser discutida e implantada na cidade, ou vice-versa, ressaltamos a citação dos autores, Fernandes e Molina:

Deve fortalecer identidade e autonomia das populações do campo e conduzir o povo do Brasil a compreender haver uma não-hierarquia, mas complementaridade: cidade não vive sem campo que não vive sem cidade. A educação do campo procura romper com a alienação do território, construindo conhecimentos a partir da relação local-global-local. (FERNANDES E MOLINA, 2004, p. 68).

E nos questionamos, após analisarmos o questionário aplicado aos professores, sobre as possíveis dificuldades de discussão sobre conteúdos envolvendo o campo em uma escola pública da cidade.

Podemos observar que 60% dos professores sentem dificuldade em aplicar aulas referentes a assuntos rurais/campestinos, pois a escola não recebe ou fornece materiais de apoio que aumentem o interesse do aluno pelas aulas e 70% deles culpa a falta de material didático para contribuir para a realização dessas aulas.

Porém, o que mais me chamou a atenção nas respostas dadas a este questionário, foi a questão de número 7, quando a grande maioria dos professores (60%) responde que as aulas que mais causou o interesse dos alunos pelo tema “Campo” foram aulas teóricas seguidas de aplicação de questionário, deixando 30% para apresentação de filmes e documentários e apenas 10% respondeu que os alunos se interessaram por aulas de campo com passeio e visitas a museus e 60% desses professores têm convicção de que fizeram sua parte para melhorar o conhecimento dos alunos com respeito a vida dos moradores do campo.

Percebemos com essa apuração de dados, conclusões com respeito à contribuição dos materiais didáticos e dos educadores para abordar em sala de aula de escolas da zona urbana o tema referente à zona rural. O fato de os educadores darem a entender que os alunos sentem maior interesse por conteúdos teóricos seguidos de

questionário a aulas de campo com passeios e visitas a sítios históricos, pode está referente ao fato de eles mesmos nunca terem aplicado tais aulas e com isso responderem pela única maneira de aplicação a qual já conhecem ou a que submeteram seus alunos.

[...] como a escola vai trabalhar a memória, explorar a memória coletiva, recuperar o que há de mais identitário na memória coletiva? Como a escola vai trabalhar a identidade do homem e da mulher do campo? Ela vai reproduzir os estereótipos da cidade sobre a mulher e o homem rural? Aquela visão de jeca, aquela visão que o livro didático e as escolas urbanas reproduzem quando celebram as festas juninas? É esta a visão? Ou a escola vai recuperar uma visão positiva, digna, realista, dar outra imagem do campo? (ARROYO, 2011, p. 16).

O projeto escolar intitulado de “Campo: raiz da cidade” mostra-se de extrema necessidade, tanto para educandos, quanto para educadores, que percebem na sua culminância a riqueza de conteúdos que podem ser abordados de forma a estimular o aluno e contribuir para a diminuição mítica de que o sertanejo, o homem do campo é alguém sem cultura. Pelo contrário, mostra que a cultura nordestina é riquíssima e que com um pouco de criatividade e força de vontade o educador poderá desenvolver aulas que explorem tão rica cultura campesina, mesmo com pouco material didático, buscando outras fontes de pesquisas e outros meios de abordagem do tema sugerido.

7 APLICAÇÃO DE QUESTIONÁRIO COM OS ESTUDANTES ENVOLVIDOS

Subsequente à aplicação do questionário com os professores da escola aonde o projeto escolar “CAMPO: raiz da cidade” foi desenvolvido, partimos para a aplicação do questionário com os estudantes do 5º ano.

Ao todo, 30 estudantes responderam ao questionário, sob minha orientação na condição de professora e pesquisadora.

Não houve dificuldades da parte dos estudantes em responder ao questionário, que trazia consigo, perguntas com algumas opções de respostas, no qual cada um deveria optar por apenas uma delas, aquela na qual o estudante mais identificasse como sendo a correta na sua concepção, no que diz respeito, aos conceitos atrelados a si, sobre campo.

Demos preferência em aplicar o questionário no decorrer do processo de aplicação do projeto, para com isso, poder observar quais questões, referentes ao campo e os sujeitos que o envolve, ainda não estavam bem claras para os estudantes e dessa forma, poder contribuir mais veementemente para uma possível correção de conceitos errôneos arraigados entre os estudantes.

Foi possível observar pontos, tanto negativos, quanto positivos e desenvolver mais atividades que afrontassem tais concepções. Vejamos a seguir a tabulação dos dados, referentes ao questionário aplicado com os estudantes.

**8 TABELA DE DADOS QUESTIONÁRIO, APLICADO AOS ESTUDANTES DA
E. E. E. F. IRMÃ SEVERINA CAVALCANTE SOUTO.**

PERGUNTAS	RESPOSTA APROXIMADA EM %					
1. Você é nascido na Zona Rural/Campo ou da Zona Urbana/Cidade?	Rural/Campo 0%			Urbana/Cidade 100%		
2. Você tem parentes que residem ou residiram na Zona Rural/Campo?	Sim 90%			Não 10%		
3. Para você o que é zona rural?	É todo lugar onde tem mato e muita terra. 10%	É o lugar onde as pessoas não trabalham e não estudam. 10%	É uma localidade onde existem muitas plantações, pessoas que trabalham, estudam e cultivam muitos dos alimentos que chegam às nossas casas. 80%			
4. Para você, qual é a diferença entre estudantes das escolas do campo e os estudantes das escolas da cidade.	Nenhuma, pois somos todos iguais, apenas de locais e culturas distintas. 80%		Existem muitas diferenças. Eles não compreendem o conteúdo e nós sim 10%		Os alunos da zona rural não assistem às aulas, pois estão sempre na roça 10%	
5. Qual dos produtos citados a baixo, vindos do campo, que você mais gosta?	banana	laranja	manga	pizza	refrigerante	milho
	10%	20%	20%	5%	5%	40%
6. Você acha que já aprendeu o bastante na escola sobre a vida no Campo?	Sim 25%			Não 75%		
7. Qual das seguintes definições mais se aproxima da que você tem sobre os moradores da zona rural?	São matutos, que usam chapéu de palha, andam de jegue e falam errado. 55%	São pessoas trabalhadoras, que lutam por seus direitos e melhores condições de vida no campo. 45%		Não tenho uma definição concluída, pois, nos livros e nem nas aulas eu vi imagens dos moradores e nem do campo. 0%		
8. Como você acha que é a vida das crianças residentes no campo/zona rural?	Deve ser muito ruim, pois lá a seca é muito grande e não tem modernidade nenhuma, como games, internet e shoppings, etc. 40%			São mais livres do que nós da cidade. Podem brincar mais perto da natureza, montar cavalos, subir em árvores e nadar nos rios enquanto nós temos que ficar presos em casa por medo da violência e longe da natureza. 60%		

Tabela 2 – Referente à aplicação de questionário aos estudantes. (30 estudantes responderam ao questionário. Aplicado em agosto/2013).

No que diz respeito ao questionário aplicado com os alunos do 5º ano de ensino fundamental I, alunos estes, aonde vêm sendo trabalhado o projeto escolar “Campo: raiz

da cidade, mostra que a visão que a maioria dos alunos têm do homem do campo é aquela visão mítica de que o homem do campo é um matuto, sem cultura e que o campo é lugar de atraso, fato esse que me causou ainda uma maior inquietação sobre como atuar junto aos educandos, numa missão de transformar mentes de inverter conceitos de errôneos para corretos.

Com isso, e observando esse resultado, pude como educadora, esclarecer melhor e contribuir para corrigir visões deturpadas entre os alunos sobre o homem do campo e perceber a necessidade de mudança de conceitos. Como educadora, senti a necessidade de contribuir para a ênfase em torno da cultura nordestina e a valorização da mesma.

Apesar de 100% dos alunos serem da zona urbana, observamos que a maioria deles têm parentes que residem ou residiram no campo, tornando-os diretamente ligados a história do campesinato brasileiro e também da migração dos sujeitos do campo para as cidades, construindo a história do Brasil.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados foram alcançados com grande êxito. Tudo o que foi planejado, foi aplicado e o resultado na culminância foi a comprovação final da assimilação dos conteúdos aplicados nas aulas pelos alunos.

Trabalhar a diversidade campesina, suas lutas, suas conquistas, os movimentos sociais, a incessante busca do campo por políticas que levem melhores condições de vida e dignidade para que o morador do campo não migre, mas fique no campo e cresça com ele, é uma forma de contribuir através da educação para uma mudança de conceitos errôneos que vêm há anos circundando a história do campesinato brasileiro.

Alunos da cidade/zona urbana, tendo a oportunidade de descobrir a história do campo onde toda cidade se inicia, pois é do campo que vêm os subsídios necessários para manutenção da cidade. É do campo que vem o suor derramado para pôr alimento na mesa dos cidadãos da zona urbana e foi por esses tantos motivos que desenvolvi o projeto escolar “CAMPO: raiz da cidade”, na busca do resgate da cultura campesina, tantas vezes desprezada ou tão pouco comentada em aula.

Contribuir para desmitificar a imagem errônea e preconceituosa, atribuída há anos para os nordestinos oriundos do campo é de extrema importância dentro da finalidade do projeto CAMPO: raiz da cidade, pois conceitos errados e preconceituosos têm gerado violência e falta de respeito da parte de cidadãos da zona urbana, para com os cidadãos da zona rural.

Conviver com o tema envolvendo Campo no cotidiano escolar foi muito prazeroso para mim, tanto como educadora, quanto como pesquisadora. Trazer para o cotidiano escolar uma visão mais humana e mais correta do que se caracteriza por zona rural, dos encantos e das belezas existentes no campesinato brasileiro, dos conflitos por posse de terra, das riquezas que existem no nosso interior, das nossas raízes, que fundaram as primeiras cidades, oriundas todas elas do campo, foi de máxima importância para mim e como resultado surgiu um belíssimo projeto escolar intitulado de “CAMPO: raiz da cidade”, que me ensinou muito enquanto eu o ensinava e que acrescentou tanto a mim, quanto aos meus educandos novos conceitos, ampliando e renovando as nossas antigas teorias do que para nós é campo e de como é viver da terra, cercado pela natureza e tendo tanto pelo que lutar e tantos sonhos para realizar.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R.D. **Uma proposta metodológica para a compreensão de mapas geográficos**. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação. USP. São Paulo. 1994.

ARROYO, Miguel Gonzalez e FERNANDES, Bernardo Mançano. **A educação básica e o movimento social do campo – por uma educação básica do campo**. Brasília: MST -Coordenação da Articulação Nacional Por uma Educação Básica do Campo, 2011. Disponível em <[http://educampoparaense.eform.net.br/site/media/biblioteca/pdf/Co](http://educampoparaense.eform.net.br/site/media/biblioteca/pdf/Co%20lecao%20Vol.2.pdf) lecao%20Vol.2.pdf>. Acesso em: 21 set. 2013.

AURÉLIO, **Dicionário on-line**. Disponível em: <http://www.dicionariodoaurelio.com/> Acesso em 04/03/2014.

CALDART, Roseli. **A escola do campo em movimento**. Coletivo Nacional de Educação do MST e Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária (ITERRA) Brasil. Currículo sem fronteiras, v.3, n.1, pp.60-81, jan/jun 2003.

CALDART, Roseli. **Sobre Educação do Campo**. III Seminário do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), realizado em Luziânia, GO, 2007.

CALDART, Roseli Salete. Por Uma Educação do Campo: traços de uma identidade em construção. In.: **Por Uma Educação do Campo: Identidade e Políticas Públicas**. V. 4. Brasília, 2002, p. 25-36.

DOM E RAVEL. **Obrigado ao homem do campo**. Disponível em: <http://letras.mus.br/dom-ravel/487572/> Acesso em: 01-06-2013.

FARIA, Márcia Nunes. **A música, fator importante na aprendizagem**. Assis chateaubriand – Pr, 2001. 40f. Monografia (Especialização em Psicopedagogia) –Centro Técnico-Educacional Superior do Oeste Paranaense – CTESOP/CAEDRHS.

FERNANDES, B.M. Diretrizes de uma caminhada. In: ARROYO, M.G; CALDART, R.S.; MOLINA, M.C. **Por uma educação do campo**. Petrópolis: Vozes, 2004.

FREIRE Paulo.; **Educação como prática da liberdade**. 29ª ed. Rio de Janeiro (RJ): Paz e Terra; 1999.

GODOI, Luis Rodrigo. A importância da música na Educação Infantil. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia). Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2011.

GODOY, Arilda Schmidt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. Revista de Administração de Empresas São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63 Mar./Abr. 1995. LOBATO, M. **Urupês**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

LIMA. José Inacio de. **Dicionário Geográfico**. Disponível em: <http://pt.slideshare.net/Bartilotti/dicionario-geografico> Acesso em: 02/09/2014. p. 84.

LOUREIRO, Alicia Maria Almeida. **O ensino de música na escola fundamental**. Campinas, SP: Papirus, 2003.

NOVAIS, Beto, ALVES, Francisco, VIDAL, Cleisson. **Migrantes, documentário**. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=Laf1BwcGpgI> . Acesso em: 02/06/2013.

OLIVEIRA, Flávio. **Papo Sustentável**: “Mandala Agrícola” pode ser uma alternativa saudável. O Fluminense, 2012. Disponível em: <http://www.ofluminense.com.br/editorias/cidades/papo-sustentavel-%E2%80%9Cmandala-agricola%E2%80%9D-pode-ser-uma-alternativa-saudavel> Acesso em: 05-10-2013.

ONOFRE, Joelson Alves. **Repensando a questão curricular**: caminho para uma educação anti-racista. *Práxis Educacional*, Vitória da Conquista, v. 4, n. 4, p.103-122, jan./jun. 2008. p. 104.

PELEGRINE, Denise. Respeitar as diferenças, **Nova Escola**, ed. abril, abril, 2002. Repórter Brasil, Disponível em: <http://reporterbrasil.org.br/2011/02/documentario-expoe-condicoes-trabalhistas-desumanas-de-cortadores-de-cana/> Acesso em: 02/06/2013.

SCABELLO, Andréa. SPÖRL, Andrea. **Geografia da Paraíba**, vol. Único, 4º ou 5º ano. 1ª edição. São Paulo, 2012.

SILVA, José Graziano da. **O Novo Rural Brasileiro**. Disponível em: http://www.geografia.fflch.usp.br/graduacao/apoio/Apoio/Apoio_Valeria/Pdf/O_novo_rural_brasileiro.pdf Acesso em: 04/03/2014.

WILLIAMS, Raymond. **O Campo e a Cidade na história e na literatura**. Trad. Paulo Henriques Britto. Companhia das Letras. São Paulo, 1989.

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO/ESTUDANTES

1. Você é nascido na Zona Rural/Campo ou na Zona Urbana/Cidade?

☐ Zona Rural/Campo ☐ Zona Urbana/Cidade

2. Você tem parentes que residem ou residiram na Zona Rural/Campo?

☐ Sim ☐ Não

3. Para você o que é zona rural?

- ☐ É todo lugar onde tem mato e muita terra.
- ☐ É o lugar onde as pessoas não trabalham e não estudam.
- ☐ É uma localidade onde existem muitas plantações, pessoas que trabalham, estudam e cultivam muitos dos alimentos que chegam às nossas casas.

4. Para você, qual é a diferença entre alunos das escolas do campo e os alunos das escolas da cidade.

- ☐ Nenhuma, pois somos todos iguais, apenas de locais e culturas distintas.
- ☐ Existem muitas diferenças. Eles não compreendem o conteúdo e nós sim
- ☐ Os alunos da zona rural não assistem às aulas, pois estão sempre na roça

5. Qual dos produtos citados a baixo, vindos do campo, que você mais gosta?

☐ banana ☐ laranja ☐ manga ☐ pizza ☐ refrigerante ☐ milho.

6. Você acha que já aprendeu o bastante na escola sobre a vida no Campo?

☐ SIM ☐ NÃO

7. Qual das seguintes definições, mais se aproxima da que você tem sobre os moradores da zona rural?

- ☐ São matutos, que usam chapéu de palha, andam de jegue e falam errado.
- ☐ São pessoas trabalhadoras, que lutam por seus direitos e melhores condições de vida no campo.
- ☐ Não tenho uma definição concluída, pois, nos livros e nem nas aulas eu vi imagens dos moradores e nem do campo.

8. Como você acha que é a vida das crianças residentes no campo/zona rural?

- ☐ Deve ser muito ruim, pois lá a seca é muito grande e não tem modernidade nenhuma, como games, internet e shoppings, etc.
- ☐ São mais livres do que nós da cidade. Podem brincar mais perto da natureza, montar cavalos, subir em árvores e nadar nos rios enquanto nós temos que ficar presos em casa por medo da violência e longe da natureza.

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO/PROFESSORES

QUESTIONÁRIO PROFESSOR/A:

1. **Você é oriundo da Zona Rural/Campo ou da Zona Urbana/Cidade?**
☐ Zona Rural/Campo ☐ Zona Urbana/Cidade
2. **Você tem parentes que residem ou residiram na Zona Rural/Campo?**
☐ Sim ☐ Não
3. **Você sente muita dificuldade em aplicar aulas envolvendo assuntos que abordem contextos rurais/campo?**
☐ Sim ☐ Não
4. **Qual é o principal problema dos citados a baixo, que você como educador/a já encontrou dentro do contexto escolar, para abordar sobre esse tema?**
☐ falta de material didático apropriado. ☐ não domina muito bem esse tema.
☐ Falta de interesse dos alunos pelo tema ☐ acha o tema irrelevante nas aulas.
5. **Como educador/a, cite uma das causas que levam alguns estudantes da zona urbana/cidade a desconhecerem, terem falta de interesse ou preconceito pelo modo de vida da zona rural?**
☐ Professores que não enfatizam bem o tema tornando-o desinteressante.
☐ O preconceito por parte dos alunos devido à influência negativa da mídia.
☐ Falta de material apropriado para enriquecer o tema durante as aulas.
6. **A escola recebe suporte de material didático-pedagógico para utilização em sala de aula de forma que torne a abordagem do tema mais instigante para os alunos?**
☐ Sim. ☐ Não. ☐ Sim, porém não é suficiente.
☐ Sim, só com os livros didáticos posso abordar muito bem esse tema.
7. **Que tipo de aula que você ministrou trouxe maior interesse para os alunos sobre a vida no meio rural?**
☐ Filmes educativos, slides. ☐ Aula de campo (passeios, viagens,museus,etc.
☐ Aula teórica seguida de questionário. ☐ Seminário envolvendo o tema.
8. **Qual foi a sua contribuição para melhorar o conhecimento e entendimento dos educandos a respeito das questões envolvendo a cultura do campo?**
☐ Acredito ter feito minha parte e passado todo o conhecimento necessário.
☐ Poderia ter estendido mais o debate se achasse o tema muito importante.
☐Depois de minhas aulas os alunos passaram a valorizar melhor a zona rural.

ANEXO

CERTIFICADO DO PRÊMIO “MESTRES DA EDUCAÇÃO 2013”



Certificado emitido pela Secretaria de Estado da Educação/SEE, referente à obtenção de êxito no desenvolvimento do projeto escolar, intitulado “CAMPO: raiz da cidade”, conferido à professora Nadirjane Medeiros Carneiro Nascimento/2013.